

**FACULDADE DE TECNOLOGIA SENAC FLORIANÓPOLIS
PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM ARTES VISUAIS, CULTURA E CRIAÇÃO**

CLÁUDIA SCHAUN REIS

**Outro olhar sobre o projeto gráfico
do Jornal Universitário da UFSC**

**FLORIANÓPOLIS
2010**

CLÁUDIA SCHAUN REIS

**Outro olhar sobre o projeto gráfico
do Jornal Universitário da UFSC**

Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação apresentado à banca examinadora da Faculdade de Tecnologia Senac Florianópolis como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Artes Visuais: Cultura e Criação.

Orientadora: Professora Ms. Maria Lucila Horn

**FLORIANÓPOLIS
2010**

RESUMO

A partir dos conceitos de leveza, repetição e da utilização de cores, esta pesquisa busca esboçar alternativas de projeto gráfico para o *Jornal Universitário (JU)* da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com o objetivo de propor uma nova identidade visual para a publicação. Editado desde 1976, o *JU* tem como missão informar estudantes, professores e servidores técnico-administrativos e também a comunidade em geral sobre as ações e estudos da UFSC nos âmbitos do ensino, da pesquisa e da extensão.

Palavras-chave: Projeto gráfico, identidade visual, jornalismo, ludicidade.

ABSTRACT

From the concept of lightness, repetition and use of colour, this research intends to outline alternatives to graphic design for the *Jornal Universitário (JU)*, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), aiming to propose a new visual identity for publication. Produced since 1976, the JU's mission is to inform students, teachers and administrative personnel, and also the wider community, about UFSC's actions and studies in the fields of education, research and extension.

Keywords: Graphic design, visual identity, journalism, ludicism.

adelante, compañeros!

atrás da volátil alegria violácea,
sempre perpétua e certa,
tomo as mãos de meus pais
Claudio, Clarice e de meu irmão Fernando;

em busca da âncora colorida
em meio às nuvens e tormentas,
roubo o ombro companheiro e suave do Rafa;

pelo caminho das dúvidas do fim
e das convicções do processo
empresto o braço afetuoso da amiga Claudia
Aguiyrrre

no cotidiano
do ser jornalista e jornalista
miro no entusiasmo sempre incentivador de
Moacir Loth

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 O LÚDICO	15
3 O TOPO	26
4 AS CORES	28
5 AS FONTES	34
6 CONCLUSÃO	36
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa faz parte de um desejo de longa data de reformular o projeto gráfico do jornal que diagramo, o *Jornal Universitário (JU)* da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Criado em 1976, com o objetivo de informar estudantes, professores e funcionários técnico-administrativos e também a comunidade em geral sobre as ações e estudos da UFSC nos âmbitos do ensino, da pesquisa e da extensão, o *JU*¹ adotou diversas linhas editoriais e assumiu variados layouts; em 2007 passei a integrar a equipe da Agência de Comunicação (Agecom) da UFSC como responsável pela confecção do jornal, quando me foi solicitado elaborar um novo projeto gráfico para a publicação, dando continuidade a todo o trabalho que já havia sido desenvolvido até então, buscando um suposto aprimoramento. Pouco conhecendo a comunidade universitária, criei o projeto, que sofreu modificações e hoje tem muito do que ficou acordado na época.

As críticas são muitas e frequentes - tanto vindas da equipe, que sempre colaborou com suas impressões sobre o jornal, quanto de jornalistas externos à instituição que ocupam o cargo de ombudsman² -, e, a partir delas, fomos modificando gradativamente algumas características do projeto. Sei que opinar sobre o trabalho alheio é fácil, principalmente se o produto envolve percepções subjetivas; todos então têm como acrescentar algo. Entretanto, acredito que muito pode ser melhorado, e este é o anseio do presente projeto: repensar e analisar este

¹ De acordo com Artemio Reinaldo de Souza, jornalista na Agecom e autor da obra *Santos e Pecadores - Comunicação versus crise na era da informação*, o *Jornal Universitário* tem editorial desvinculado da reitoria. Pelas palavras de Diomário de Queiroz, reitor da instituição de 1992 a 1996, a ideia era "que o *Jornal Universitário* não fosse o diário oficial do gabinete, mas um órgão de divulgação da universidade com a participação de todos e conduzido por esta agência [Agecom] de uma forma bastante independente. E para suprir as necessidades de comunicação direta com o reitor, chegamos a pensar na época que o gabinete pudesse ter um informe. Assim, como um órgão de vinculação que expressasse as opiniões e a orientação direta da reitoria(...)". O ex-reitor relata, no entanto, que o projeto não foi bem recebido. "E efetivamente eu senti que essa crítica se fundamentava numa dificuldade de percepção das pessoas de que o informe impresso pela reitoria seria uma forma de respeitar a própria independência da Agência de Comunicação. Dessa forma se mantinha um espaço aberto para um órgão de imprensa, que seria o *Jornal Universitário*, como meio de comunicação de toda a comunidade universitária". (SOUZA, 2007, P. 150 e 151).

² Assim como a *Folha de S.Paulo*, o *JU* também tem um colunista para redigir a seção Ombudsman, iniciativa pioneira lançada pela direção da Agecom no âmbito da comunicação institucional universitária brasileira. O cargo é ocupado no *JU* por um jornalista a cada edição, e tem como objetivo trazer críticas acerca da confecção do jornal, comentários das últimas edições, acertos e erros em termos de forma e conteúdo.

processo sob uma ótica mais amadurecida, carregando para o trabalho não só a vivência dentro da Universidade, mas também os conceitos apreendidos durante o curso de especialização de Artes Visuais: Cultura e Criação do Senac.

Analisando os exemplares anteriores, podemos perceber que o estilo adotado nos anos 80 não parece mais ser aplicável nos dias de hoje; páginas em preto e branco cobertas por muito texto, fontes em corpo pequeno, pouco espaço entre uma e outra matéria, fotos sem tratamento algum. As chamadas novas tecnologias permitiram um avanço em termos de possibilidades visuais; a internet, com suas diversas ferramentas de interação – textos, áudios, vídeos – colaborou com a mudança na forma com que se consome e se produz notícias. A embalagem dessas informações – assim como as próprias informações – teve de ser revista, e isso vale também – ou principalmente - para um veículo de uma instituição que produz conhecimento.

Como referências iniciais, busquei exemplos de publicações que me pareceram harmônicas e que sugerissem uma leitura agradável: a Folhinha, encarte da *Folha de S.Paulo*, de 31 de outubro de 2009 (Figuras 1 e 2); o *Jornal do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome*, nº 21, de novembro/dezembro de 2009 (Figuras 3 e 4) e o jornal-laboratório do curso de Jornalismo da UFSC, o *Zero* de abril de 2009 (Figuras 5 e 6).

+2

Bicho de Estimação

FOLHA DE S. PAULO

Sábado, 31 de outubro de 2009

CASA DE CACHORRO

●● Cantinho

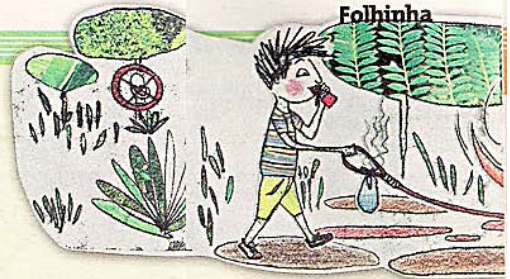
Com ou sem casinha, o cão precisa de um cantinho só dele: nada de dormir na sua cama! Arrume a caminha num local com luz natural durante a maior parte do dia, e com proteção contra sol e chuva.

●● Dieta

Nada de salgadinho, doce ou chocolate: comida de gente deixa o bicho doente. Guloseimas feitas para eles devem ser dadas uma ou duas vezes por semana, pois têm poucos nutrientes e muito sal e gorduras.

●● Roedor

Ter ossinhos e brinquedos por perto ajuda o cão a aliviar a coceira na boca causada pela troca de dentição. Quando um dente está para cair e outro para nascer, ele procura qualquer coisa para dar uma coçadinha e sai roendo o que estiver por perto!



Não é brinquedo

Bicho de estimação pode até ficar doente se você deixá-lo de lado quando enjoar

É uma delícia ter um bicho de estimação para brincar e fazer companhia até na hora de levar bronca pela bagunça. Mas é como ter um irmão mais novo, só que com pelos, penas ou escamas: precisa cuidar, pois ele não sabe nem comer nem se limpar sozinho.

E é preciso ser tão companheiro quanto o bichinho, que não é um brinquedo que se deixa de lado quando enjoa —ele sente, e até adocece. Comida, água, passeios, limpeza e observação para saber se sua saúde está boa fazem parte da parceria.

Quer saber se está preparado para ser um dono responsável? Confira, nesta edição, cuidados e brincadeiras que farão você virar o melhor amigo de seu cão, gato, pássaro ou peixe.

>>>> NO BLOG DA FOLHINHA
<http://blogdafolhinha.folha.blog.uol.com.br>

+ dicas
PARA CUIDAR DO BICHINHO
vídeos
COM TRUQUES DE ADESTRAMENTO
onde
ADOTAR UM ANIMAL
livros

AMIZADE QUE FAZ BEM

Vitória Micheloni, 12, tem uma doença chamada herpes no nervo trigêmeo, que causa feridas no rosto. "O médico disse que um cachorro ajudaria porque ia me deixar menos ansiosa", diz. Na hora de adotar, foi escolhida pela Luna, que a cutucou com a patinha. Deu certo: a ansiedade e as feridas melhoraram.

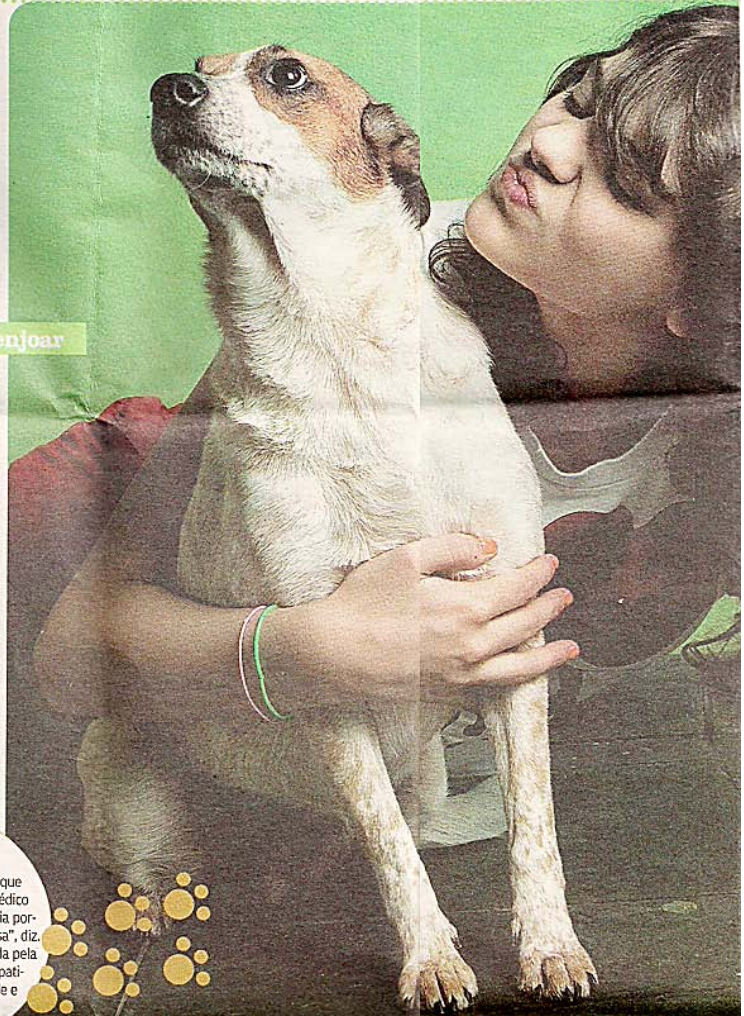


Figura 1: Folhinha, da Folha de S.Paulo

Sábado, 31 de outubro de 2009

CANTO SUBMERSO

•• Aquário

Seu porte varia com o comprimento do peixe: 5 litros para cada um de até 7 cm e 70 l para maiores. Não pode receber luz natural, para evitar algas, que fazem mal ao bicho.

•• Cubo

Aquário em forma de bola não é recomendado, porque o peixe gosta de ficar escondidinho no canto. E tem boca muito pequena, o que reduz o nível de oxigênio.

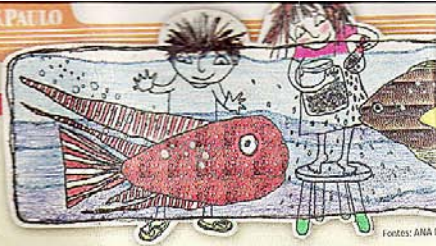


Foto: ANA PV



PEIXE COM DÚPLIA PROTEÇÃO
 João Pedro Estima Machado, 9, tem um peixe beta. "Ao contrário da minha gata, ele não dá muito trabalho, não precisa ficar fazendo carinho", comenta. Como a gata vive rondando o aquário para pegar o peixinho, ele agora fica dentro de um armário com porta de vidro, para deixar a luz entrar.

Patrícia F

Amizade colorida

Peixes são gostosos de olhar, mas vivem no mundinho deles

MARIANA BERGEL COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Ele dá pouco trabalho para cuidar e é muito gostoso de olhar. "É divertido ter peixes. São coloridos e bonitos", opina Liz Fratucci Frias, 8. Ela e a irmã, Lara, 11, têm 15 deles em um tanque.

A maioria são carpas, bem grandes se comparadas aos peixinhos de aquário. "Meu pai ama os peixes porque

mergulha. Quando ele viaja, sou eu que dou comida para eles", avisa Lara.

Mas não adianta ficar só olhando. Tem que observar como ele vive para poder cuidar. João Marcos Ortiz Mendes, 12, conta que quem tem um peixe precisa conhecer seus hábitos.

Uma vez, três de seus pacus morreram quando o aquário foi lavado. "Foi por causa da mudança de pH da água", explica, referindo-se

ao grau de

Agora ele rem dizer

ção. "Quates, as esc

rentes, ele rados e de Marina um peixe l zul. Mas é um aquár um monte dos. "É l porque eu cuidando

Figura 2: Folhinha, da Folha de S.Paulo

Pesquisa

Ministério encomenda ao IBGE avaliação de tema

SEGURANÇA ALIMENTAR DA POPULAÇÃO SERÁ ANALISADA

FERNANDA SOUZA

O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), em cooperação com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realiza o segundo Suplemento de Segurança Alimentar da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD).

Executado pela primeira vez em 2004, o módulo de segurança alimentar na PNAD propiciou a construção de indicadores para a medida direta da condição de segurança alimentar e forneceu importantes dados que subsidiaram o planejamento dos programas sociais vinculados ao Fome Zero.

O Suplemento de Segurança Alimentar na PNAD 2009 vai permitir atualizar os dados coletados em 2004 e agregar informações importantes para o acompanhamento das políticas do ministério. Vai fornecer, ainda, indicadores para subsidiar a construção da Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional.

De acordo com a secretária de Avaliação e Gestão da Informação do MDS, Luziele Tapajós, a atualização dos dados "vai permitir a verificação dos avanços e desafios na área, fundamental para o incremento das ações".

Em ambos os suplementos, o instrumento de avaliação utilizado é a Escala Brasileira de Insegurança Alimentar (Ebia), que categoriza os domicílios em segurança alimentar,



Pesquisa vai permitir aperfeiçoamento dos programas

"A atualização dos dados vai permitir verificação dos avanços e desafios na área, fundamental para o incremento das ações"

LUZIELE TAPAJÓS
Secretária de Avaliação e Gestão da Informação do MDS

insegurança alimentar leve, insegurança alimentar moderada e insegurança alimentar grave.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), feita anualmente pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), tem por objetivo produzir in-

formações básicas para o estudo do desenvolvimento social e econômico do País.

A pesquisa investiga cerca de 145 mil unidades domiciliares e 410 mil pessoas distribuídas por todos os Estados, considerando famílias de todos os estratos sociais.

Benefícios eventuais

O auxílio a indivíduos e famílias pobres, por ocasião de nascimento, morte, situações de vulnerabilidade temporária e de calamidade pública, é destinado pelos Municípios de maneira informal. Para orientá-los quanto à regulamentação dos Benefícios Eventuais, o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) e o Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) fizeram, este ano, um levantamento. Com base nas informações, a Secretaria Nacional de Assistência Social do MDS vai criar banco de dados para aprimorar a divulgação desses benefícios junto a Municípios e conselhos de assistência social.

Mais controle social

Desenvolver potencialidades e habilidades de 430 conselheiros foi a proposta de curso promovido pelas secretarias nacionais de Assistência Social e de Avaliação e Gestão da Informação, do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). A capacitação dos integrantes e secretários-executivos dos conselhos nacional, estaduais e do Distrito Federal – que teve início em outubro e terminou em 19 de novembro – é uma das estratégias de qualificação dos atores que integram o Sistema Único de Assistência Social (SUAS).

Certidão de nascimento

A certidão de nascimento é o primeiro passo para o pleno exercício da cidadania. Sem o documento, meninos e meninas ficam privados de seus direitos mais fundamentais, sem acesso aos programas sociais. Adultos, não podem obter a carteira de identidade, CPF e outros documentos. Por isso, fazer com que os bebês saiam das maternidades com nome e sobrenome é uma prioridade do Governo Federal. Coordenada pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos em parceria com o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), a meta é acabar com o sub-registro. Confira no endereço eletrônico <http://certidaoedenascimento.gov.br> as datas dos municípios no seu Estado.

Figura 3: Jornal do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome

Projovem

Objetivo é atingir 1 milhão de adolescentes até 2010

“
 Estamos
 perto de
 alcançar
 a meta
 prevista
 para 2009,
 de 600 mil
 integrantes”

ALEXANDRE REIS
 Assessor da Secretaria Nacional de
 Assistência Social do MDS

ANA SOARES

A paraibana Regiane Silva Fraga nasceu em Lucena há 17 anos. Mora com a mãe e dois irmãos. A família é beneficiária do Bolsa Família – programa de transferência de renda do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) –, mas também participa de outras ações que integram a rede de proteção e promoção da assistência social. Regiane e seu irmão mais novo fazem parte do Projovem Adolescente há cerca de um ano.

Para Regiane, o programa é responsável por conhecimentos de informática, teatro, artesanato e canto – uma de suas paixões. A adolescente, que pretende ser veterinária, assegura que, agora, terá um futuro melhor: “Antes, eu não tinha o que fazer e passava horas e horas na frente da televisão”, relata a menina.

Expansão

No segundo semestre deste ano, o Projovem Adolescente abriu mais 85,3 mil vagas. Ao todo, com a ex-



Programa atende 519 mil jovens de mais de 3 mil Municípios

ATENDIMENTO QUADRUPLICADO

pansão, o programa passou a beneficiar 519.325 jovens de 3.155 Municípios brasileiros. Estima-se que pelo menos 346.200 dessas vagas sejam ocupadas por jovens provenientes de famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família. Outras 21.350

vagas foram colocadas à disposição e ainda estão na fase de preenchimento do termo de aceite – responsabilidade dos Municípios.

“Estamos perto de alcançar a meta prevista para 2009, de 600 mil integrantes. Nosso objetivo é chegar a 1 milhão

até o fim de 2010”, informa o assessor da Secretaria Nacional de Assistência Social do MDS, Alexandre Reis, que reforça que a participação de jovens em serviços socioassistenciais voltados para a faixa de 15 a 17 anos quadruplicou em dois anos.

“Em 2007, o Projeto Agente Jovem estava em 1.711 Municípios, com atendimento a 112 mil rapazes e moças. Passamos, agora, com o Projovem Adolescente, a abranger 3.155 localidades e cerca de 519 mil beneficiados”, comemora Reis.

Figura 4: Jornal do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome

Florianópolis, abril de 2009



Em 2007, foram investidos, em Santa Catarina, cerca de R\$ 35 milhões em confecções de artigos do vestuário (FIESC).

Moda íntima cresce em Ilhota

Setor continua atraindo compradores à cidade mesmo após tragédia no Morro do Baú

Entre os meses de outubro e fevereiro, a avenida Ricardo Paulino Maes é tomada por visitantes de todo o país em busca dos produtos típicos de Ilhota: biquínis e calcinhas. Ao todo, o município possui 140 fábricas de moda íntima e praia, 100 delas com lojas na rua principal.

As chuvas de novembro chegaram a Ilhota em plena temporada e afetaram todas as empresas da região. O prejuízo, porém, não foi causado pela lama trazida pelo rio. Foram as imagens da tragédia no Morro do Baú que afastaram os visitantes, atingindo o setor que é responsável por 40% da economia da cidade.

"Não houve perda de produtos", garante o diretor da Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo de Ilhota, Paulo Vilmar Batista. Ele explica que as águas só atingiram as instalações físicas das empresas. "Todas as lojas ficaram pelo menos quinze dias fechadas, mas o problema maior foi que as pessoas ficaram com medo de vir a Ilhota", conta Batista. "Teve um dia que um repórter disse na televisão que estava no centro de Ilhota, quando na verdade estava no Baú Central [localizado a 0 km do centro]. Quem viu aquilo



A enchente do rio Luis Alves (na janelas ao fundo) fez as lojas fecharem por cerca de 15 dias, mas houve perdas apenas nas instalações.

Os problemas enfrentados nas cidades vizinhas também afetaram os Dirigentes Lojistas (CDL), desde novembro foram abertas oito lojas mentar a procura pelo programa de capacitação profissional mantido pela

Crise econômica no governo Collor provocou boom

A indústria da moda íntima e moda praia de Ilhota nasceu em 1986, na garagem de Maristela Pereira. Foi lá que a então dona de uma loja de aluguel de vestidos de noiva decidiu começar a fabricar biquínis. "As pessoas tinham medo de casar. A gente só via gente se separando. Ou eu mudava de negócio ou começava a alugar vestido de divórcio", brinca. A opção pelos biquínis veio da sugestão de uma funcionária, Vanda da Silva, que já havia trabalhado em uma fábrica de moda praia em Gaspar.

Seguindo o caminho iniciado por Maristela, outros empresários resolveram investir no setor. A indústria de Ilhota teve o seu primeiro boom no início da década de 90, quando a abertura econômica promovida pelo governo de Collor e de Fernando Henrique Cardoso fez com que a indústria têxtil do Vale do Itajaí sofresse um grande baque.

A professora da UFSC, Isabela Lucktenberg, em sua dissertação, de mestrado *A indústria têxtil catarinense e o caso da Companhia Hering*, explica que as empresas, para tornarem mais ágil o processo de produção, passaram a importar emamentos e tecidos, causando

Figura 5: Jornal Zero, do curso de Jornalismo da UFSC

6 | Política

Florianópolis, abril de 2009

Dados do Departamento de Trânsito de Santa Catarina - DETRAN - indicam que Florianópolis possui cerca de 290 carros para cada ônibus em circulação.

Tráfego excede capacidade das vias

Caso nenhuma alteração eficaz seja feita, outras 12 ruas da capital ultrapassarão seu limite em dois anos

Mais de 35 vias na capital trabalham com pontos de fluxo de veículos próximos ou acima da capacidade nas horas de pico. Muitas são essenciais como a avenida Professor Pedro Henrique de Silva Fontes, que recebe o fluxo dos campi da Universidade Federal e Estadual, a rodovia Ademar Gonzaga, que liga o centro à Lagoa da Conceição e o trevo da Seta, que dá acesso ao aeroporto e região do Campeche. Caso nenhuma alteração seja feita, mais 12 vias alcançarão o limite de sua capacidade em diversos pontos nos próximos dois anos. O estudo foi realizado a partir de um convênio firmado entre a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o Laboratório de Sistemas de Transportes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (URGS) e o Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPLUR). Os dados foram coletados através de imagens de veículos que trafegam e de simulações que estimam os fluxos futuros. Nas simulações foram considerados o aumento lateral e locais onde há maior demanda, como shoppings e parques, incluindo todas as alterações sugeridas pelo IPLUR, como ligação de avenidas ou construções, muitos pontos críticos não solucionados", alerta a

	Vantagens	Desvantagens
Transporte privado		
Carro e moto	Possui alta mobilidade e flexibilidade de rotas	Poluente, causa muitos acidentes, alto consumo de combustível e congestora a rede viária
Bicicleta e caminhada	Não poluente, não gera congestionamentos e maior integração social	Aplicável apenas em deslocamentos curtos
Transporte público		
Ônibus	Possui a maior mobilidade aos meios públicos, menor custo de implantação e da relação passageiros/quilômetro	Dificuldade de operação em cidades com relevo acidentado como o da capital, uso de grandes espaços para construção de terminais
Metrô e trem	Grande capacidade de passageiros, pouco poluente, silencioso e ocupa pouco espaço com terminais	Custo elevado de implantação, recomendável apenas para demandas superiores a 40 mil passageiros/hora.

Locais onde o trânsito ficará crítico

Projeção do sistema viário em Florianópolis em dois anos, sem alterações na malha viária atual. Em destaque as ruas que atingirão de 80 a 100% de sua capacidade.

Santa rota

Governo o maior

A 9ª Conde Travel e Turismo acontece pela rica Litorânea, maio. O e de 100 per de governo grandes turismo. Santa Catarina, turismo que faz a Dubai um de cinco viagens

Figura 6: Jornal Zero, do curso de Jornalismo da UFSC

Esta proposta aponta para algumas falhas do *JU* e busca para ele uma unidade mais concisa. A partir desse objetivo, um dos conceitos a serem explorados para que o sentido de unificação seja mais explícito é a repetição.

A repetição de determinados signos – como as cartolas, o padrão adotado para as fontes (tanto do corpo do texto quanto dos títulos), as linhas de apoio e as legendas – se por um lado concedem ao jornal um caráter previsível, por outro é justamente essa previsibilidade que guia o leitor. Jan V. White (2006, pg. 36) defende que a “padronização e repetição não são entediantes. Criam força e identidade. Quando cada página é diferente, percebemos caos e confusão”.

O desafio em relação a esse conceito era o de conceber signos que criassem essa identidade sem, no entanto, deixar com que a publicação ficasse caracterizada como algo enfadonho ou estanque. É necessário lembrar que os variados temas explorados, abordados por jornalistas distintos – que carregam consigo estilos também distintos – colaboram para que o jornal seja plural, o que reforça a Política Pública de Comunicação implantada na instituição. Creio que, diferentemente de uma publicação monotemática, em que vários signos são criados, muitas vezes com precisão de detalhes, um periódico com variadas pautas pede signos mais neutros, que possam ser conjugados com qualquer tipo de matéria. A preocupação também é conferir ao projeto características que remetam a algo artesanal, humanizado, fugindo do caráter industrial e impessoal que alguns jornais apresentam.

Outro conceito que pretendo inserir no novo projeto é a leveza. A leveza pode ser conseguida através da utilização de espaços em branco e de poucos elementos, mas também da combinação adequada dos signos, das cores e dos elementos textuais. Pretendo utilizar ambas as estratégias a fim de remeter à leveza do todo. De acordo com a definição do conceito, exposto no CD ROM do curso, a leveza

“é uma sensação normalmente associada a formas delicadas, graciosas, cores claras, movimentos desenvoltos e a tudo que se ofereça aos sentidos de modo tênue, suave ou com certa fragilidade. A ordem e a simplicidade também podem conferir leveza a imagens, objetos e espaços criados nas diversas linguagens visuais”.

A utilização de cores é ponto-chave, já que a publicação inteira – geralmente com 12, variando até 16 páginas – é colorida. White (2006, p. 206) defende que “a diferença mais óbvia da cor é seu trunfo mais valioso: *ela não é o preto*. Por isso ajuda a levar o olho do observador para aquilo que você julga importante. Não desperdice isso”.

Todo o trabalho foi desenvolvido com dois programas: Photoshop e In Design. Eventualmente se utilizou também o Corel Draw. Buscando um lado mais artesanal, optou-se por criar cartolas escritas a mão.

Pretendeu-se, com todas as experimentações, atingir um resultado em que o jornal apresentasse uma identidade visual mais marcante, priorizando, para isso, a harmonia entre os elementos.

2. O LÚDICO

Ao pensar em criar um novo projeto gráfico para o *Jornal Universitário*, imaginou-se que a intenção do visual de uma publicação é despertar a curiosidade para a leitura das matérias. White afirma que

as pessoas resistem a se envolver. Elas têm medo. Raramente querem ler ou examinar detidamente. Vivem apressadas – e um monte de coisas impressas reclama sua atenção ao mesmo tempo. Elas pesam o custo/benefício do esforço e tempo investidos em relação ao resultado que podem obter. “Será que é interessante mesmo?”. Elas começam folheando as páginas à procura de “O que será que tem aí que me interessa?”(...) (WHITE 2006, p. 9)

Dessa forma, entende-se que, muitas vezes, antes mesmo do conteúdo atrair os leitores, o seu visual é que será decisivo para o início da leitura. E o que poderia despertar a curiosidade dos leitores? Para alguns estudiosos, a resposta está na palavra lúdico. O Dicionário Houaiss da língua portuguesa define o lúdico como sendo

1. relativo a jogo, a brinquedo 2. que visa mais ao divertimento que a qualquer outro objetivo 3. **que se faz por gosto, sem outro objetivo que o próprio prazer de fazê-lo** 4. relativo à tendência ou manifestação (artística ou erótica) que surge na infância ou na adolescência sob a forma de jogo. (HOUAISS e VILLAR, 2009, p. 1200) (grifo nosso)

Já para o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, lúdico é um adjetivo “relativo a jogo ou divertimento. = RECREATIVO”.

Pedro Celso Campos, professor da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em artigo intitulado “Gêneros do Jornalismo e Técnicas de Entrevista”, discorre sobre o lúdico permeando a comunicação:

(...) O jornalismo precisa dar atenção ao leitor que busca um pouco de lazer, de recreação, de divertimento, algo para passar o tempo, descom-

promissadamente. A cultura do lazer é uma presença crescente no estressante ritmo da vida atual predominantemente urbana. (...) Isto significa que os jornais e toda a mídia devem valorizar o noticiário sobre cultura, esporte, teatro, cinema, viagens, humor, as crônicas e sátiras, o humor em geral... a própria educação ambiental pode ser passada, com excelentes resultados, através da informação lúdica, dos jogos em forma de infográficos, dos desenhos e tiras, das histórias em quadrinhos, das crônicas etc. (CAMPOS, 2009, p. 129)

A professora da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da USP, Cremilda Medina, traz em artigo intitulado “Sob o signo do diálogo - Comunicação & Educação” o depoimento de uma das bolsistas que participaram do projeto *São Paulo de Perfil*. O projeto incitava os alunos a escreverem matérias de maneira mais humanizada – ou ainda, lúdica – e depois levava os materiais, transformados em livros, para escolas públicas de ensino médio a fim de estimular a leitura, sob acompanhamento dos alunos do curso de Jornalismo. Elen Geraldles, a ex-bolsista, relata que

muitos deles [alunos do ensino médio] destacaram sérias desavenças, em suas histórias escolares, com a leitura de clássicos, de obras recomendadas pelos professores. Jornais e revistas, achavam chatos. Mas os livros ... eram, para eles, rápidos de ler, **bonitos e diferentes**. (MEDINA, 1994, p. 99) (grifo nosso)

Medina não detalha o projeto gráfico dos livros, mas dá pistas de como eles eram confeccionados:

Os gráficos da ECA se apaixonaram pelo projeto (...). O empenho e a afeição têm dado, ao longo de oito anos, uma marca cada vez mais identificatória do projeto também no grafismo, capas, tratamento visual. A tal ponto que em junho de 1994, num encontro no Sindicato dos Jornalistas do Mato Grosso, o exemplar número 14 da série - *Nau dos Desejos* - foi elogiado: "Parece um livro feito pela Companhia das Letras". (IDEM, p. 100 e 101)

Tanto o depoimento da ex-bolsista quanto da professora nos fazem pensar que não só o conteúdo, mas também o formato com que as informações chegam a

público devem ser leves e instigantes, devem encantar, aconchegar quem se dispõe a passar os olhos pelo material.

Lopes e Teixeira (2005), em artigo intitulado “Comunicação e Ludicidade”, mencionam a interação como característica essencial para que haja a ludicidade. Eles conceituam-na

como um fenómeno de natureza consequencial à espécie humana. Ludicidade é assim, uma condição de ser do Humano. É interação, ou seja, é o contexto situacional criado a partir do pacto inicial estabelecido e regulado pela afirmação explícita ou implícita dos seus protagonistas que assim comunicam entre si, nomeadamente no brincar ou no jogar, criando e revelando a intenção da manifestação da ludicidade que escolheram protagonizar e, ao fazê-lo, interagem dentro do quadro de referência da intencionalidade e da consciência da ludicidade, estabelecendo diversas conexões com experiências de outra natureza, criticando-as, mudando-as, reformulando-as, abandonando-as, divertindo-se. (LOPES e TEIXEIRA, 2005, p. 439)

Lopes³ (2005) sintetiza a ideia enfatizando que

A ludicidade – conceito, contrapõe-se à clássica oposição trabalho vs divertimento, definindo-se como uma condição de ser do humano que se manifesta diversamente, nomeadamente, nas experiências do humor, brincar, jogar, recrear, lazer e construir jogos e brinquedos analógicos ou digitais. A condição humana da ludicidade não está subjugada a calendários ou imposições institucionais surgindo em qualquer contexto situacional.

³ Lopes, Teixeira e Oliveira participam do “Projecto Direitos Humanos em Acção”, que tem como uma de suas principais ferramentas de reflexão o lúdico a fim de se promover a ação social. Lopes e Oliveira (2005b), no artigo “Comunicação, Ludicidade e Cidadania, no Projecto Direitos Humanos em Acção” ressaltam que o ato de comunicar significa vivenciar a cultura e a aprendizagem, e que o lúdico é intrínseco à comunicação e à cidadania. Em artigo intitulado “Acção, emoção e confiança: o Projecto Direitos Humanos em Acção - um caminho de aprendizagens e da mudanças a fazer acontecer um novo mundo, praticando valores do Humano” a linha de pesquisa é definida: “O Projecto Direitos Humanos em Acção reconhece que um novo mundo orientado pela busca dos valores do Humano é possível e diferente daquele que nos é dado. Assim, actuando sobre a experiência das pequenas coisas quotidianas, promove a flexibilidade crítica a partir da interacção (...). Um dos meios contemplados no design de Comunicação e Ludicidade - que estrutura a acção social de coparticipação do Projecto. Assim, a presente comunicação coloca em discussão o enquadramento conceptual que dá sentido ao sistema e estrutura da interacção e acção social. (...) pretendendo-se, com isso, evidenciar a validade das interrelações conceptuais de base estabelecidas e, contribuir para a integração da conexão comunicação e ludicidade numa teoria da acção social” (LOPES e OLIVEIRA, 2005a, p. 287).

Campos reforça a questão da informação carregar consigo o cunho da leveza, do entretenimento, do prazer:

“Os momentos escolhidos para ler os jornais são os intervalos de repouso: o descanso que se segue ao almoço, a espera do jantar ou a hora de dormir [...] a leitura dos jornais é a distração conscientemente procurada nas salas de espera, nos (domingos e feriados), quando chove”, afirma Jean Stoetzel ao relacionar a recreação como segunda função psicossocial da imprensa (após a função de atualização), acrescentando que o próprio público considera a leitura dos jornais como uma atividade de **prazer**. (CAMPOS, 2009, p. 129) (grifo nosso)

Dessa forma, buscou-se como uma das características a leveza, através da utilização de maiores espaços em branco, para tornar o Jornal Universitário mais atrativo. Como afirma White,

se as colunas forem um pouco mais estreitas (isto é, se “desperdiçarmos” algum espaço), poderemos acrescentar espaço adicional às margens, ou então as fatias adicionais de espaço poderão ser acumuladas e usadas ativamente para separar uma história da outra – lateralmente. Resultado: clareza de organização em ambas as direções. (WHITE, 2006, p. 47)

A primeira experiência (Figura 8) de modificação do projeto – que pode ser comparado através da Figura 7 -, ou ainda, a criação de um novo projeto gráfico, teve como ponto marcante essa utilização dos espaços em branco.

A redução na largura das colunas e o conseqüente surgimento de espaços em branco realmente dão uma sensação de respiro à composição. É importante verificar, no entanto, se o número de caracteres das matérias pode ser reduzido em favor dessa leveza.

A segunda tentativa (Figura 9) inseriu retângulos delimitando os títulos, a fim de aproveitar as cores das páginas e criar uma composição mais coesa, que interligaria textos e fotos. A fonte dos títulos foi trocada, com o objetivo de conferir um caráter menos mecanizado e mais humanizado ao jornal. O retângulo vertical,

que delimita o artigo à direita da página foi reduzido, deixando o título do lado de fora, o que também ampliou o espaço em branco.

Já a terceira tentativa (Figura 10) eliminou os retângulos coloridos que delimitavam os títulos; ainda que pareçam flutuar – ou ainda, exatamente por causa dessa sensação – a página parece mais leve sem eles.

É necessário criar elementos que demarquem o número das páginas e que também deem maior caráter de unidade a elas.

Gestão de Talentos: o desafio das empresas em reter seus talentos

Atualmente um dos maiores desafios das empresas no que se refere à gestão de pessoas é identificar e reter seus funcionários operacionais que possuem potencial. Quando falamos em retenção de talentos, estamos falando também de valorização, reconhecimento, alcance de objetivos e, por que não dizer, da estratégia de sucesso dos novos tempos!

Algumas empresas já aprenderam a selecionar seus candidatos a líderes e identificar um talento. Entretanto, a fase mais importante na gestão desses talentos, que é reter-los na empresa, ainda precisa avançar muito.

O pacote de benefícios - salários, vantagens, oportunidades de aprimoramento educacional e de experiência internacional - é importante, mas não basta. É lamentável que alguns gestores ainda não tenham percebido que oportunidades de crescimento, reconhecimento e recompensa, promoções, planos de remuneração diferenciados e autonomia para exposição de novas ideias representem em alta escala o ideal fluxograma de equilíbrio para as perspectivas da organização e de seus colaboradores.

Para um verdadeiro talento, o reconhecimento pelo seu empenho, criatividade ou visão vale tanto ou até mais do que um salário acima da média ou bônus polucos. Esse profissional veste a camisa da empresa e tenta buscar soluções para os problemas que a organização enfrenta, e, em contrapartida, espera o retorno dessa dedicação.

Talvez se a gigante IBM tivesse dado atenção àquele estagiário franzino e cheio de ideias, com certeza hoje a companhia estaria ocupando o espaço da Microsoft no mercado sistemas operacionais de informática. Mas foi preciso que Bill Gates se desligasse da companhia para realizar seus projetos e concretizar seu sonho de unir o mundo numa grande rede. Exemplos como esse nos mostram o quanto uma empresa pode perder se não souber segurar seus talentos.

As empresas não podem deixar que sua cultura fique engessada a ponto de não oferecer espaço para que os talentos se desenvolvam. A prática de não compensar o desempenho é lugar-comum em muitos setores e é uma das principais causas dos pedidos de demissão de muita gente boa.

Os líderes precisam impor uma política consistente de promoções, mesmo que laterais, pois estas oferecem aos profissionais contratados a chance de atuar em outras áreas ou países. Para se ter uma ideia, os rankings das melhores empresas para trabalhar, tanto brasileiras quanto estrangeiras, indicam que os profissionais mais talentosos optam por empresas que, mais do que a recompensa financeira, garantem desafios constantes, crescente responsabilidade aos gestores e ampliação das experiências.

Mas valorizar um talento não é tarefa fácil. A melhor forma de reter-lo é demonstrar reconhecimento pelo seu valor, ouvir suas opiniões, dando espaço à sua visão e permitir a ousadia, estimulando a criatividade. Também não é de hoje a percepção de que os líderes necessitam identificar o potencial de seus liderados, se quiserem que eles permaneçam na empresa. Para tanto, pode ser preciso mudar as

formas de função, com o intuito de que elas desenvolvam seus talentos, e premiar adequadamente aqueles com bom desempenho.

Recrutar as pessoas certas para cada uma das vagas e reter talentos tornaram-se diferenciais diante de um mercado globalizado e extremamente competitivo, no qual mercadorias e serviços viraram commodities. O capital humano, e não o financeiro, é que levará o negócio adiante. Em uma economia acirrada como a que estamos vivendo atualmente, ter as pessoas certas nos lugares certos pode se tornar questão de vida ou morte de uma empresa.

Para a boa gestão de pessoas, as empresas devem criar mecanismos eficazes - leia-se: dinheiro, reconhecimento, treinamento - para motivar e reter o seu pessoal. As pessoas querem ser conhecidas pelo ótimo desempenho. Elas precisam receber recompensa e reconhecimentos diferenciados para que se sintam motivadas. Se a empresa estiver gerenciando bem as pessoas, ela promove estreito alinhamento entre desempenho e recompensas. Quanto mais você faz, mais recebe - e você o sente tanto na alma quanto na carteira. Poucas coisas são mais frustrantes do que trabalhar duro, cumprir ou superar as expectativas e descobrir que isso não faz diferença para a sua empresa. Você não recebe nada especial, ou recebe o mesmo que todas as outras pessoas.

Outra maneira básica de motivar e reter é por meio do treinamento. Se selecionar as pessoas certas, elas estarão ansiosas por crescer. Estarão explodindo de desejo de aprender e fazer mais. Um bom operador de máquinas quer aprender a operar mais máquinas e, por fim, a dirigir a oficina.

As pessoas capazes nunca acham que já estão jogando o melhor possível. Mas dão o máximo de si para chegar lá!

As empresas que gerenciam bem as pessoas contribuem para que isso aconteça. Se tiver condições, desenvolverá programa de treinamento interno, conduzido por seus próprios executivos, que atuam não só como professores mas também como modelos. Aquela com menos recursos pode facilitar o treinamento externo, por meio de bons programas. Em ambos os casos, faz questão de que o treinamento seja visto como recompensa pelo desempenho, não como prêmio pelo tempo de trabalho.

Como as recompensas e o reconhecimento, o treinamento surte esse efeito. Motiva as pessoas, demonstrando-lhes uma maneira de crescer, deixando claro que a organização se importa com elas, e que elas têm futuro. E as empresas devem agir assim para reter o pessoal. As empresas vencedoras não permitem que os bons funcionários saiam por falta de reconhecimento, de recompensas financeiras e de outras falhas semelhantes.

Se a empresa estiver agindo de maneira certa, os talentos quererão construir esse futuro com a empresa e, dessa forma, a empresa cresce junto com o talento.

Andréia Cristina da Silva é acadêmica da primeira fase de Administração da UFSC

UFFS com U maiúsculo

Parto do princípio de que universidades são instituições criadas pela sociedade para que a sociedade possa, assim, melhor ajudar-se a si mesma. Elas não existem para si só, para cuidarem do próprio umbigo, para ficarem encasteladas, em torres de marfim. Elas existem para servir à sociedade, gerando e disseminando o saber para a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Mas a forma como a universidade ajuda a sociedade vai muito além das descobertas científicas; dos prêmios acadêmicos ou do desenvolvimento de novas metodologias e técnicas. Estas são conquistas naturais e próprias de universidades com U maiúsculo como a Universidade Federal da Fronteira Sul; são sem dúvida, também as mais importantes, mas são, em geral, conquistas de longo prazo e exigem, além de investimento continuado, paciência e, sobretudo, a dedicação de muitos durante muitos anos.

Além das conquistas acadêmicas, uma universidade traz também, desde o momento de sua criação, consequências muito práticas e imediatas - coisas que frequentemente escapam aos acadêmicos -, mas, que afetam a vida dos cidadãos de seu entorno com tal intensidade que é possível dizer, sem medo de errar, que, após a criação da universidade, a região na qual ela se insere jamais será a mesma. Os impactos econômicos, sociais e culturais, as evidências mostram, não são triviais e desprezíveis como muitas vezes imaginamos. Na verdade, estes impactos são capazes de mudar a identidade e a feição de cidades inteiras. E isto irá acontecer em Cerro Largo, em Erechim, em Realeza, em Laranjeiras do Sul e, é claro, também, na hoje pujante cidade-sede de Chapecó.

A primeira forma de ajudar a comunidade é a própria democratização do acesso à educação superior com oportunidades especialmente aos mais carentes. Mas queremos mais do que isso: queremos também a UFFS como uma oportunidade de se oferecer aos jovens uma formação profissional e cidadã de qualidade.

Se a formação profissional e cidadã afirma os valores de uma Universidade, com U maiúsculo, é importante que percebamos que a universidade só será uma universidade cidadã se souber trabalhar com a sociedade. A universidade precisa ser um espaço acadêmico, político, social e cultural aberto à participação de todos. Só assim, faremos uma universidade viva, popular, um espaço de liberdade e de respeito mútuo, a serviço de toda a sociedade e com a qual todos estão comprometidos.

Dilvo Ristoff é reitor da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

Os quarenta anos da Pós-Graduação

Em 2009 transcorrem quarenta anos do início do mestrado em Engenharia Mecânica, o primeiro dos cursos de pós-graduação da UFSC. Pioneiro em seu contexto e à frente da Reforma Universitária Implantada logo após, este curso serviu de exemplo e suporte para outros mestrados criados em seguida na universidade.

Entretanto, sua criação não deixou de ser um ato de ousadia. A Escola de Engenharia Industrial recém havia formado sua primeira turma de graduação. A ocupação do recém construído Pavilhão de Mecânica ainda era rala: os poucos laboratórios e a biblioteca ainda se encontravam em implantação, voltados, é claro, ao atendimento prioritário das necessidades da graduação; poucos periódicos científicos eram já assinados; o pessoal disponível ao empreendimento era um punhado de jovens que recém havia obtido o seu mestrado. As comunicações com o mundo (por via rodoviária, aérea ou telefônica) eram restritas. Serviços de comutação bibliográfica eram ainda desconhecidos. Vivia-se a era dos computadores mainframe, mas aqui não havia um. Florianópolis era uma ilha em mais de um sentido. Assim, falar em pós-graduação parecia a alguns um desperdício.

Mas a iniciativa foi tomada, conseguidos os recursos,

trazidos os primeiros professores visitantes, adquirido o primeiro computador. O mestrado em Engenharia Mecânica iniciou em março de 1969 e, já a partir do ano seguinte, começaram a surgir outros, totalizando seis até 1973. Mais tarde surgiram os primeiros doutorados: Engenharia Mecânica (1980) e Direito (1984).

Passados 40 anos, aquele embrião que a Engenharia Mecânica começou a gestar em 1969 é um programa de pós-graduação que se destaca pela qualidade dos recursos humanos formados e pela intensa interação com a sociedade, em especial com o setor industrial. É referência na área, atestada no Brasil e no exterior por empresas e instituições de ensino e pesquisa com as quais mantém parceria. Já formou quase um milhão de mestres e cerca de 270 doutores, que hoje contribuem para o desenvolvimento científico e tecnológico do país.

No cenário mais amplo da UFSC, os 56 cursos de mestrado e 43 de doutorado que hoje existem, colocam-na entre as vinte melhores instituições do país no ranking da pós-graduação, mercê de seu desempenho nas mais recentes avaliações da CAPES.

Arno Blass é ex-coordenador do curso de Pós-graduação em Engenharia Mecânica



Arno Blass durante a cerimônia de aniversário da Pós-Graduação; em 2009 a UFSC comemora a data tendo um acréscimo de 47% nas bolsas de doutorado e 25% nas de mestrado

Os artigos são de inteira responsabilidade de seus autores

UFSC - Jornal Universitário - N° 406 - Novembro de 2009 - PÁG 7

Figura 7: Página original. Os espaços em branco são poucos e pequenos.

Gestão: o desafio das empresas em reter seus talentos

Atualmente um dos maiores desafios das empresas no que se refere à gestão de pessoas é identificar e reter seus funcionários operacionais que possuem potencial. Quando falamos em retenção de talentos, estamos falando também de valorização, reconhecimento, alcance de objetivos e, por que não dizer, da estratégia de sucesso dos novos tempos!

Algumas empresas já aprenderam a selecionar seus candidatos a líderes e identificar um talento. Entretanto, a fase mais importante na gestão desses talentos, que é retê-los na empresa, ainda precisa avançar muito.

O pacote de benefícios - salários, vantagens, oportunidades de aprimoramento educacional e de experiência internacional - é importante, mas não basta. É lamentável que alguns gestores ainda não tenham percebido que oportunidades de crescimento, reconhecimento e recompensa, promoções, planos de remuneração diferenciados e autonomia para exposição de novas ideias representam em alta escala o ideal fluxograma de equilíbrio para as perspectivas da organização e de seus colaboradores.

Para um verdadeiro talento, o reconhecimento pelo seu empenho, criatividade ou visão vale tanto ou até mais do que um salário acima da média ou bônus polpidos. Esse profissional veste a camisa da empresa e tenta buscar soluções para os problemas que a organização enfrenta, e, em contrapartida, espera o retorno dessa dedicação.

Talvez se a gigante IBM tivesse dado atenção àquele estagiário franzino e cheio de ideias, com certeza hoje a companhia estaria ocupando o espaço da Microsoft no mercado sistemas operacionais de informática. Mas foi preciso que Bill Gates se desligasse da companhia para realizar seus projetos e concretizar seu sonho de unir o mundo numa grande rede. Exemplos como esse nos mostram o quanto uma empresa pode perder se não souber segurar seus talentos.

As empresas não podem deixar que sua cultura fique engessada a ponto de não oferecer espaço para que os talentos se desenvolvam. A prática de não compensar o desempenho é lugar-comum em muitos setores e é uma das principais causas dos pedidos de demissão de muita gente boa.

Os líderes precisam impor uma política consistente de promoções, mesmo que laterais, pois estas oferecem aos profissionais contratados a chance de atuar em outras áreas ou países. Para se ter uma ideia, os rankings das melhores

empresas para trabalhar, tanto brasileiras quanto estrangeiras, indicam que os profissionais mais talentosos optam por empresas que, mais do que a recompensa financeira, garantem desafios constantes, crescente responsabilidade aos gestores e ampliação das experiências.

Mas valorizar um talento não é tarefa fácil. A melhor forma de retê-lo é demonstrar reconhecimento pelo seu valor, ouvir suas opiniões, dando espaço à sua visão e permitir a ousadia, estimulando a criatividade. Também não é de hoje a percepção de que os líderes necessitam identificar o potencial de seus liderados, se quiserem que eles permaneçam na empresa. Para tanto, pode ser preciso mudar as pessoas de função, com o intuito de que elas desenvolvam seus talentos, e premiar adequadamente aqueles com bom desempenho.

Recrutar as pessoas certas para cada uma das vagas e reter talentos tomaram-se diferenciais diante de um mercado globalizado e extremamente competitivo, no qual mercadorias e serviços viraram *commodities*. O capital humano, e não o financeiro, é que levará o negócio adiante. Em uma economia acirrada como a que estamos vivendo atualmente, ter as pessoas certas nos lugares certos pode se tornar questão de vida ou morte de uma empresa.

Para a boa gestão de pessoas, as empresas devem criar mecanismos eficazes - leia-se: dinheiro, reconhecimento, treinamento - para motivar e reter o seu pessoal. As pessoas querem ser conhecidas pelo ótimo desempenho. Elas precisam receber recompensa e reconhecimento diferenciados para que se sintam motivadas. Se a empresa estiver gerenciando bem as pessoas, ela promove estreito alinhamento entre desempenho e recompensas. Quanto mais você faz, mais recebe - e você o sente tanto na alma quanto na carteira. Poucas coisas são mais frustrantes do que trabalhar duro, cumprir ou superar as expectativas e descobrir que isso não faz diferença para a sua empresa. Você não recebe nada especial, ou recebe o mesmo que todas as outras pessoas.

Outra maneira básica de motivar e reter é por meio do treinamento. Se selecionar as pessoas certas, elas estarão ansiosas por crescer. Estarão explodindo de desejo de aprender e fazer mais. Um bom operador de máquinas querará aprender a operar mais máquinas e, por fim, a dirigir a oficina.

As pessoas capazes nunca acham que já estão jogando o melhor possível. Mas dão o máximo

UFFS com U maiúsculo

Parto do princípio de que universidades são instituições criadas pela sociedade para que a sociedade possa, assim, melhor ajudar-se a si mesma. Elas não existem para si só, para cuidarem do próprio umbigo, para ficarem encasteladas, em torres de marfim. Elas existem para servir à sociedade, gerando e disseminando o saber para a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Mas a forma como a universidade ajuda a sociedade vai muito além das descobertas científicas; dos prêmios acadêmicos ou do desenvolvimento de novas metodologias e técnicas. Estas são conquistas naturais e próprias de universidades com U maiúsculo como a Universidade Federal da Fronteira Sul; são sem dúvida, também as mais importantes, mas são, em geral, conquistas de longo prazo e exigem, além de investimento continuado, paciência e, sobretudo, a dedicação de muitos durante muitos anos.

Além das conquistas acadêmicas, uma universidade traz também, desde o momento de sua criação, consequências muito práticas e imediatas - coisas que frequentemente escapam aos acadêmicos, mas, que afetam a vida dos cidadãos de seu entorno com tal intensidade que é possível dizer, sem medo de errar, que, após a criação da universidade, a região na qual ela se insere jamais será a mesma. Os impactos econômicos, sociais e culturais, as evidências mostram, não são triviais e desprezíveis como muitas vezes imaginamos. Na verdade, estes impactos são capazes de mudar a identidade e a feição de cidades inteiras. E isto irá acontecer em Cerro Largo, em Erechim, em Realeza, em Laranjeiras do Sul e, é claro, também, na hoje pujante cidade-sede de Chapecó.

A primeira forma de ajudar a comunidade é a própria democratização do acesso à educação superior com oportunidades especialmente aos mais

Foto: Carolina Dantas



Arno Blass durante a cerimônia de aniversário da Pós-Graduação; em 2009 a UFSC comemora a data tendo um acréscimo de 47% nas bolsas de doutorado e 25% nas de mestrado

Os quarenta anos da Pós-Graduação

Em 2009 transcorrem quarenta anos do início do mestrado em Engenharia Mecânica, o primeiro dos cursos de pós-graduação da UFSC. Pioneiro em seu contexto e à frente da Reforma Universitária implantada logo após, este curso serviria de exemplo e suporte para outros mestrados criados em seguida na universidade.

Entretanto, sua criação não deixou de ser um ato de ousadia. A Escola de Engenharia Industrial recém havia formado sua primeira turma de graduação. A ocupação do recém construído Pavilhão de Mecânica ainda era rala: os poucos laboratórios e a biblioteca ainda se encontravam em implantação, voltados, é claro, ao atendimento prioritário das necessidades da graduação; poucos periódicos científicos eram já assinados; o pessoal disponível ao empreendimento era um punhado de jovens que recém havia obtido o seu mestrado. As comunicações com o mundo (por via rodoviária, aérea ou telefônica) eram restritas. Serviços de comutação bibliográfica eram ainda desconhecidos. Vivia-se

a era dos computadores mainframe, mas aqui não havia um. Florianópolis era uma ilha em mais de um sentido. Assim, falar em pós-graduação parecia a alguns um despropósito.

Mas a iniciativa foi tomada, conseguidos os recursos, trazidos os primeiros professores visitantes, adquirido o primeiro computador. O mestrado em Engenharia Mecânica iniciou em março de 1969 e, já a partir do ano seguinte, começaram a surgir outros, totalizando seis até 1973. Mais tarde surgiram os primeiros doutorados: Engenharia Mecânica (1980) e Direito (1984).

Passados 40 anos, aquele embrião que a Engenharia Mecânica começou a gestar em 1969 é um programa de pós-graduação que se destaca pela qualidade dos recursos humanos formados e pela intensa interação com a sociedade, em especial com o setor industrial. É referência na área, atestada no Brasil e no exterior por empresas e instituições de ensino e pesquisa com as quais mantém parceria. Já formou quase um milhar de mestres e cerca de 270 dou-

Os artigos são de inteira responsabilidade de seus autores

Figura 8: Primeira tentativa; espaços em branco já chamam a atenção

Gestão: o desafio das empresas em reter seus talentos

Atualmente um dos maiores desafios das empresas no que se refere à gestão de pessoas é identificar e reter seus funcionários operacionais que possuem potencial. Quando falamos em retenção de talentos, estamos falando também de valorização, reconhecimento, alcance de objetivos e, por que não dizer, da estratégia de sucesso dos novos tempos!

Algumas empresas já aprenderam a selecionar seus candidatos a líderes e identificar um talento. Entretanto, a fase mais importante na gestão desses talentos, que é retê-los na empresa, ainda precisa avançar muito.

O pacote de benefícios - salários, vantagens, oportunidades de aprimoramento educacional e de experiência internacional - é importante, mas não basta. É lamentável que alguns gestores ainda não tenham percebido que oportunidades de crescimento, reconhecimento e recompensa, promoções, planos de remuneração diferenciados e autonomia para exposição de novas ideias representem em alta escala o ideal fluxograma de equilíbrio para as perspectivas da organização e de seus colaboradores.

Para um verdadeiro talento, o reconhecimento pelo seu empenho, criatividade ou visão vale tanto ou até mais do que um salário acima da média ou bônus polpidos. Esse profissional veste a camisa da empresa e tenta buscar soluções para os problemas que a organização enfrenta, e, em contrapartida, espera o retorno dessa dedicação.

Talvez se a gigante IBM tivesse dado atenção àquele estagiário franzino e cheio de ideias, com certeza hoje a companhia estaria ocupando o espaço da Microsoft no mercado sistemas operacionais de informática. Mas foi preciso que Bill Gates se desligasse da companhia para realizar seus projetos e concretizar seu sonho de unir o mundo numa grande rede. Exemplos como esse nos mostram o quanto uma empresa pode perder se não souber segurar seus talentos.

As empresas não podem deixar que sua cultura fique engessada a ponto de não oferecer espaço para que os talentos se desenvolvam. A prática de não compensar o desempenho é lugar-comum em muitos setores e é uma das principais causas dos pedidos de demissão de muita gente boa.

Os líderes precisam impor uma política consistente de promoções, mesmo que laterais, pois estas oferecem aos profissionais contratados a chance de atuar em outras áreas ou países. Para se ter uma ideia, os rankings das melhores

empresas para trabalhar, tanto brasileiras quanto estrangeiras, indicam que os profissionais mais talentosos optam por empresas que, mais do que a recompensa financeira, garantem desafios constantes, crescente responsabilidade aos gestores e ampliação das experiências.

Mas valorizar um talento não é tarefa fácil. A melhor forma de retê-lo é demonstrar reconhecimento pelo seu valor, ouvir suas opiniões, dando espaço à sua visão e permitir a ousadia, estimulando a criatividade. Também não é de hoje a percepção de que os líderes necessitam identificar o potencial de seus liderados, se quiserem que eles permaneçam na empresa. Para tanto, pode ser preciso mudar as pessoas de função, com o intuito de que elas desenvolvessem seus talentos, e premiar adequadamente aqueles com bom desempenho.

Recrutar as pessoas certas para cada uma das vagas e reter talentos tornaram-se diferenciais diante de um mercado globalizado e extremamente competitivo, no qual mercadorias e serviços viraram *commodities*. O capital humano, e não o financeiro, é que levará o negócio adiante. Em uma economia acirrada como a que estamos vivendo atualmente, ter as pessoas certas nos lugares certos pode se tornar questão de vida ou morte de uma empresa.

Para a boa gestão de pessoas, as empresas devem criar mecanismos eficazes - leia-se: dinheiro, reconhecimento, treinamento - para motivar e reter o seu pessoal. As pessoas querem ser conhecidas pelo ótimo desempenho. Elas precisam receber recompensa e reconhecimento diferenciados para que se sintam motivadas. Se a empresa estiver gerenciando bem as pessoas, ela promove estreito alinhamento entre desempenho e recompensas. Quanto mais você faz, mais recebe - e você o sente tanto na alma quanto na carteira. Poucas coisas são mais frustrantes do que trabalhar duro, cumprir ou superar as expectativas e descobrir que isso não faz diferença para a sua empresa. Você não recebe nada especial, ou recebe o mesmo que todas as outras pessoas.

Outra maneira básica de motivar e reter é por meio do treinamento. Se selecionar as pessoas certas, elas estarão ansiosas por crescer. Estarão explodindo de desejo de aprender e fazer mais. Um bom operador de máquinas querará aprender a operar mais máquinas e, por fim, a dirigir a oficina.

As pessoas capazes nunca acham que já estão jogando o melhor possível. Mas dão o máximo

e era dos computadores mainframe, mas aqui não havia um. Florianópolis era uma ilha em mais de um sentido. Assim, falar em pós-graduação parecia a alguns um despropósito.

Mas a iniciativa foi tomada, conseguidos os recursos, trazidos os primeiros professores visitantes, adquirido o primeiro computador. O mestrado em Engenharia Mecânica iniciou em março de 1969 e, já a partir do ano seguinte, começaram a surgir outros, totalizando seis até 1973. Mais tarde surgiram os primeiros doutorados: Engenharia Mecânica (1980) e Direito (1984).

Passados 40 anos, aquele embrião que a Engenharia Mecânica começou a gestar em 1969 é um programa de pós-graduação que se destaca pela qualidade dos recursos humanos formados e pela intensa interação com a sociedade, em especial com o setor industrial. É referência na área, atestada no Brasil e no exterior por empresas e instituições de ensino e pesquisa com as quais mantém parceria. Já formou quase um milhão de mestres e cerca de 270 dou-

UFFS com U maiúsculo

Parto do princípio de que universidades são instituições criadas pela sociedade para que a sociedade possa, assim, melhor ajudar-se a si mesma. Elas não existem para si só, para cuidarem do próprio umbigo, para ficarem encasteladas, em torres de marfim. Elas existem para servir à sociedade, gerando e disseminando o saber para a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Mas a forma como a universidade ajuda a sociedade vai muito além das descobertas científicas; dos prêmios acadêmicos ou do desenvolvimento de novas metodologias e técnicas. Estas são conquistas naturais e próprias de universidades com U maiúsculo como a Universidade Federal da Fronteira Sul; são sem dúvida, também as mais importantes, mas são, em geral, conquistadas de longo prazo e exigem, além de investimento continuado, paciência e, sobretudo, a dedicação de muitos durante muitos anos.

Além das conquistas acadêmicas, uma universidade traz também, desde o momento de sua criação, consequências muito práticas e imediatas - coisas que frequentemente escapam aos acadêmicos, mas, que afetam a vida dos cidadãos de seu entorno com tal intensidade que é possível dizer, sem medo de errar, que, após a criação da universidade, a região na qual ela se insere jamais será a mesma. Os impactos econômicos, sociais e culturais, as evidências mostram, não são triviais e desprezíveis como muitas vezes imaginamos. Na verdade, estes impactos são capazes de mudar a identidade e a feição de cidades inteiras. E isto irá acontecer em Cerro Largo, em Erechim, em Realeza, em Laranjeiras do Sul e, é claro, também, na hoje pujante cidade-sede de Chapecó.

A primeira forma de ajudar a comunidade é a própria democratização do acesso à educação superior com oportunidades especialmente aos mais

Foto: Carolina Dantas



Arno Blass durante a cerimônia de aniversário da Pós-Graduação; em 2009 a UFSC comemora a data tendo um acréscimo de 47% nas bolsas

Os quarenta anos da Pós-Graduação

Em 2009 transcorrem quarenta anos do início do mestrado em Engenharia Mecânica, o primeiro dos cursos de pós-graduação da UFSC. Pioneiro em seu contexto e à frente da Reforma Universitária implantada logo após, este curso servia de exemplo e suporte para outros mestrados criados em seguida na universidade.

Entretanto, sua criação não deixou de ser um ato de ousadia. A Escola de Engenharia Industrial recém havia formado sua primeira turma de graduação. A ocupação do recém construído Pavilhão de Mecânica ainda era rala: os poucos laboratórios e a biblioteca ainda se encontravam em implantação, voltados, é claro, ao atendimento prioritário das necessidades da graduação; poucos periódicos científicos eram já assinados; o pessoal disponível ao empreendimento era um punhado de jovens que recém havia obtido o seu mestrado. As comunicações com o mundo (por via rodoviária, aérea ou telefônica) eram restritas. Serviços de comutação bibliográfica eram ainda desconhecidos. Vivia-se

Os artigos são de inteira responsabilidade de seus autores

Figura 9: Segunda tentativa; retângulos coloridos para dar maior coesão à página; fonte cursiva sugere caráter humanizado

Gestão: o desafio das empresas em reter seus talentos

Atualmente um dos maiores desafios das empresas no que se refere à gestão de pessoas é identificar e reter seus funcionários operacionais que possuem potencial. Quando falamos em retenção de talentos, estamos falando também de valorização, reconhecimento, alcance de objetivos e, por que não dizer, da estratégia de sucesso dos novos tempos!

Algumas empresas já aprenderam a selecionar seus candidatos a líderes e identificar um talento. Entretanto, a fase mais importante na gestão desses talentos, que é retê-los na empresa, ainda precisa avançar muito.

O pacote de benefícios - salários, vantagens, oportunidades de aprimoramento educacional e de experiência internacional - é importante, mas não basta. É lamentável que alguns gestores ainda não tenham percebido que oportunidades de crescimento, reconhecimento e recompensa, promoções, planos de remuneração diferenciados e autonomia para exposição de novas ideias representem em alta escala o ideal fluxograma de equilíbrio para as perspectivas da organização e de seus colaboradores.

Para um verdadeiro talento, o reconhecimento pelo seu empenho, criatividade ou visão vale tanto ou até mais do que um salário acima da média ou bônus polpidos. Esse profissional veste a camisa da empresa e tenta buscar soluções para os problemas que a organização enfrenta, e, em contrapartida, espera o retorno dessa dedicação.

Talvez se a gigante IBM tivesse dado atenção àquele estagiário franzino e cheio de ideias, com certeza hoje a companhia estaria ocupando o espaço da Microsoft no mercado sistemas operacionais de informática. Mas foi preciso que Bill Gates se desligasse da companhia para realizar seus projetos e concretizar seu sonho de unir o mundo numa grande rede. Exemplos como esse nos mostram o quanto uma empresa pode perder se não souber segurar seus talentos.

As empresas não podem deixar que sua cultura fique engessada a ponto de não oferecer espaço para que os talentos se desenvolvam. A prática de não compensar o desempenho é lugar-comum em muitos setores e é uma das principais causas dos pedidos de demissão de muita gente boa.

Os líderes precisam impor uma política consistente de promoções, mesmo que laterais, pois estas oferecem aos profissionais contratados a chance de atuar em outras áreas ou países. Para se ter uma ideia, os rankings das melhores

empresas para trabalhar, tanto brasileiras quanto estrangeiras, indicam que os profissionais mais talentosos optam por empresas que, mais do que a recompensa financeira, garantem desafios constantes, crescente responsabilidade aos gestores e ampliação das experiências.

Mas valorizar um talento não é tarefa fácil. A melhor forma de retê-lo é demonstrar reconhecimento pelo seu valor, ouvir suas opiniões, dando espaço à sua visão e permitir a ousadia, estimulando a criatividade. Também não é de hoje a percepção de que os líderes necessitam identificar o potencial de seus liderados, se quiserem que eles permaneçam na empresa. Para tanto, pode ser preciso mudar as pessoas de função, com o intuito de que elas desenvolvam seus talentos, e premiar adequadamente aqueles com bom desempenho.

Recrutar as pessoas certas para cada uma das vagas e reter talentos tornaram-se diferenciais diante de um mercado globalizado e extremamente competitivo, no qual mercadorias e serviços viraram *commodities*. O capital humano, e não o financeiro, é que levará o negócio adiante. Em uma economia acirrada como a que estamos vivendo atualmente, ter as pessoas certas nos lugares certos pode se tornar questão de vida ou morte de uma empresa.

Para a boa gestão de pessoas, as empresas devem criar mecanismos eficazes - leia-se: dinheiro, reconhecimento, treinamento - para motivar e reter o seu pessoal. As pessoas querem ser conhecidas pelo ótimo desempenho. Elas precisam receber recompensa e reconhecimento diferenciados para que se sintam motivadas. Se a empresa estiver gerenciando bem as pessoas, ela promove estreito alinhamento entre desempenho e recompensas. Quanto mais você faz, mais recebe - e você o sente tanto na alma quanto na carteira. Poucas coisas são mais frustrantes do que trabalhar duro, cumprir ou superar as expectativas e descobrir que isso não faz diferença para a sua empresa. Você não recebe nada especial, ou recebe o mesmo que todas as outras pessoas.

Outra maneira básica de motivar e reter é por meio do treinamento. Se selecionar as pessoas certas, elas estarão ansiosas por crescer. Estarão explodindo de desejo de aprender e fazer mais. Um bom operador de máquinas querará aprender a operar mais máquinas e, por fim, a dirigir a oficina.

As pessoas capazes nunca acham que já estão jogando o melhor possível. Mas dão o máximo

e era dos computadores mainframe, mas aqui não havia um. Florianópolis era uma ilha em mais de um sentido. Assim, falar em pós-graduação parecia a alguns um despropósito.

Mas a iniciativa foi tomada, conseguidos os recursos, trazidos os primeiros professores visitantes, adquirido o primeiro computador. O mestrado em Engenharia Mecânica iniciou em março de 1969 e, já a partir do ano seguinte, começaram a surgir outros, totalizando seis até 1973. Mais tarde surgiram os primeiros doutorados: Engenharia Mecânica (1980) e Direito (1984).

Passados 40 anos, aquele embrião que a Engenharia Mecânica começou a gestar em 1969 é um programa de pós-graduação que se destaca pela qualidade dos recursos humanos formados e pela intensa interação com a sociedade, em especial com o setor industrial. É referência na área, atestada no Brasil e no exterior por empresas e instituições de ensino e pesquisa com as quais mantém parceria. Já formou quase um milhão de mestres e cerca de 270 dou-

UFFS com U maiúsculo

Parto do princípio de que universidades são instituições criadas pela sociedade para que a sociedade possa, assim, melhor ajudar-se a si mesma. Elas não existem para si só, para cuidarem do próprio umbigo, para ficarem encasteladas, em torres de marfim. Elas existem para servir à sociedade, gerando e disseminando o saber para a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Mas a forma como a universidade ajuda a sociedade vai muito além das descobertas científicas; dos prêmios acadêmicos ou do desenvolvimento de novas metodologias e técnicas. Estas são conquistas naturais e próprias de universidades com U maiúsculo como a Universidade Federal da Fronteira Sul; são sem dúvida, também as mais importantes, mas são, em geral, conquistas de longo prazo e exigem, além de investimento continuado, paciência e, sobretudo, a dedicação de muitos durante muitos anos.

Além das conquistas acadêmicas, uma universidade traz também, desde o momento de sua criação, consequências muito práticas e imediatas - coisas que frequentemente escapam aos acadêmicos -, mas, que afetam a vida dos cidadãos de seu entorno com tal intensidade que é possível dizer, sem medo de errar, que, após a criação da universidade, a região na qual ela se insere jamais será a mesma. Os impactos econômicos, sociais e culturais, as evidências mostram, não são triviais e desprezíveis como muitas vezes imaginamos. Na verdade, estes impactos são capazes de mudar a identidade e a feição de cidades inteiras. E isto irá acontecer em Cerro Largo, em Erechim, em Realeza, em Laranjeiras do Sul e, é claro, também, na hoje pujante cidade-sede de Chapecó.

A primeira forma de ajudar a comunidade é a própria democratização do acesso à educação superior com oportunidades especialmente aos mais

Foto: Carolina Dantas



Arno Blass durante a cerimônia de aniversário da Pós-Graduação; em 2009 a UFSC comemora a data tendo um acréscimo de 47% nas bolsas

Os quarenta anos da Pós-Graduação

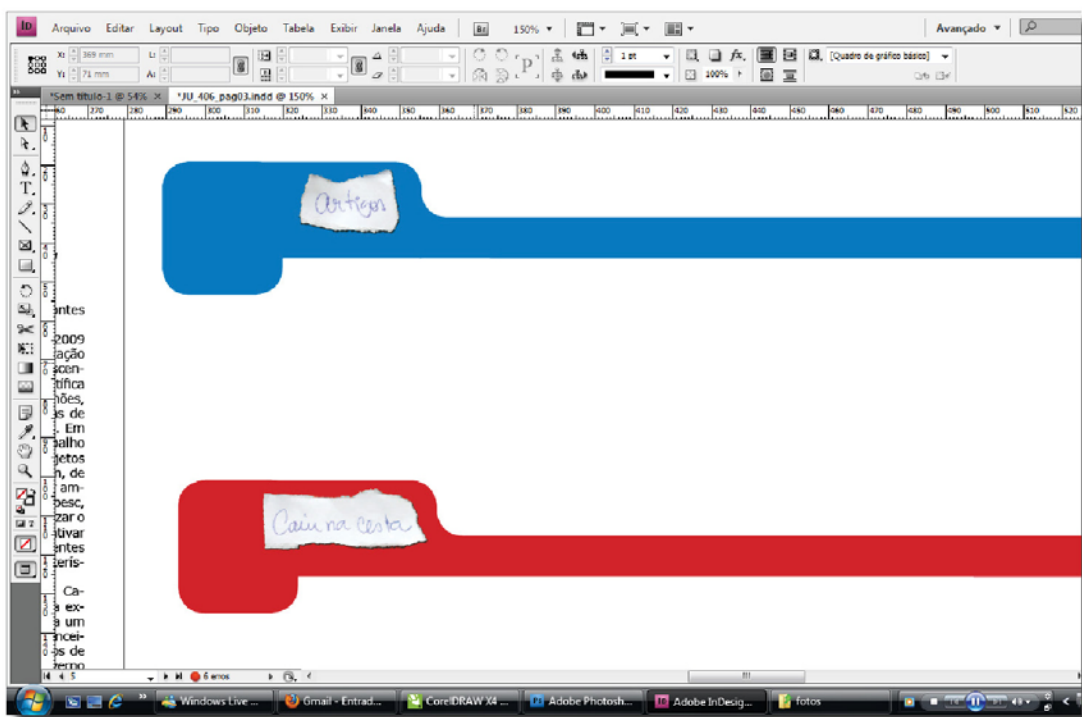
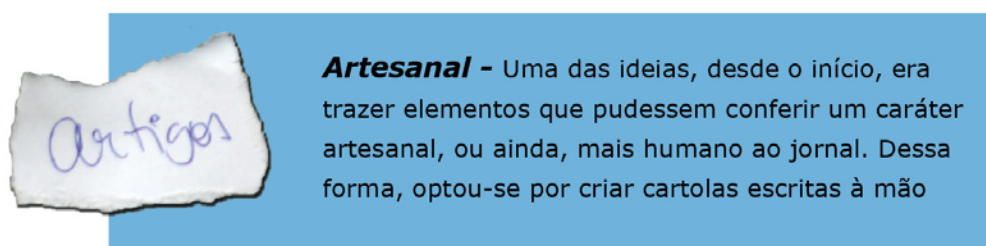
Em 2009 transcorrem quarenta anos do início do mestrado em Engenharia Mecânica, o primeiro dos cursos de pós-graduação da UFSC. Pioneiro em seu contexto e à frente da Reforma Universitária implantada logo após, este curso servia de exemplo e suporte para outros mestrados criados em seguida na universidade.

Entretanto, sua criação não deixou de ser um ato de ousadia. A Escola de Engenharia Industrial recém havia formado sua primeira turma de graduação. A ocupação do recém construído Pavilhão de Mecânica ainda era rala: os poucos laboratórios e a biblioteca ainda se encontravam em implantação, voltados, é claro, ao atendimento prioritário das necessidades da graduação; poucos periódicos científicos eram já assinados; o pessoal disponível ao empreendimento era um punhado de jovens que recém havia obtido o seu mestrado. As comunicações com o mundo (por via rodoviária, aérea ou telefônica) eram restritas. Serviços de comutação bibliográfica eram ainda desconhecidos. Vivia-se

Os artigos são de inteira responsabilidade de seus autores

Figura 10: Terceira tentativa; retângulos coloridos eliminados em nome de maior leveza.

Depois de se experimentar o reposicionamento das matérias levando em conta os espaços em branco a fim de conferir leveza às páginas, buscou-se um caráter artesanal para não só atrair pelo inusitado como também para aludir a uma linha editorial mais humanizada (Figuras 11 e 12). As fontes cursivas foram descartadas, já que, como são utilizadas fontes grátis, corre-se o risco de vê-las banalizadas.



As cartolas escritas a mão teriam também um recorte rasgado, a fim de reforçar o caráter artesanal. Aplicadas nos elementos que seriam concebidos para os topos das páginas, as cartolas não causaram uma sensação harmônica ao conjunto, devido à irregularidade exagerada causada pelo efeito rasgado.

Figura 11: tentativa de criar elementos que humanizem a publicação



Figura 12: tentativa de criar elementos que humanizem a publicação

3 O TOPO

O projeto gráfico atual do *Jornal Universitário* possui poucos elementos (ou ainda, elementos muito discretos) que se repetem ao longo das páginas. A repetição de elementos é necessária para criar a unidade da publicação, como justifica White:

Como regra, todos os sinais devem ser bem visíveis. Essa visibilidade essencial faz com que todos eles sejam ao mesmo tempo os importantes na cadeia que vai se somando para criar a personalidade visual da publicação, seja ela impressa ou eletrônica. Como tais, ajudam a tornar o todo maior que a soma de suas partes. (WHITE, 2006, p. 195)

Dessa forma, pensou-se em aproveitar elementos que devem estar contidos em todas as páginas – como número da edição, nome da publicação e número da página – utilizando-os para reforçar essa associação entre as páginas da publicação.

Decidiu-se, então, posicionar esses elementos em um lugar privilegiado e, ainda, trazer para esse lugar informações que já dessem ao leitor uma pista do que as matérias daquela página tratam. Collaro defende esse artifício discorrendo sobre a zona visual primária:

Considerando o hábito de leitura e o movimento dos olhos nas regiões de interesse na folha escrita ou impressa, Edmund Arnold destaca, em *Tipografía y Diagramado para Periódicos*, o princípio da zona visual primária - aquela área superior à esquerda que retém, em primeiro lugar, a atenção do leitor. (...) a zona visual primária, devido à sua localização privilegiada, é por si só forte para reter a atenção e interesse do leitor. (COLLARO, 2000, p. 163)

Criou-se, assim, não um elemento a ser posicionado na zona visual primária, mas que se alonga até a outra extremidade da página, a fim de comportar também as informações sobre as matérias, como mencionado anteriormente (Figura 13).

Esse elemento conteria as linhas de apoio das matérias, assim como aquilo que poderíamos chamar de sub-cartolas: pequenas palavras, situadas ao lado das linhas de apoio, que sintetizariam as próprias linhas de apoio (Figura 14). Pensou-se em armazenar essas informações dentro do elemento do topo porque, como o espaço é privilegiado numa rápida olhada, o leitor já perceberia se as matérias contidas na página são de seu interesse. White (2006, p. 195) poderia classificar o elemento como um auxiliar de navegação, como ele próprio define: “São marcos de sinalização que guiam o observador/leitor para aquilo que está procurando. Poder encontrar algo imediatamente é a chave do serviço para os leitores quando estão apressados (ou seja, sempre)”.

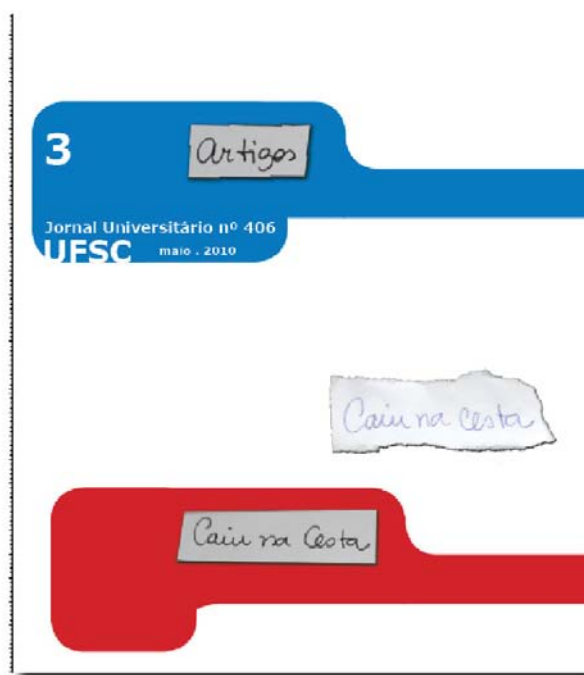


Figura 13: Primeiros topos criados



Figura 14: Topo com informações da edição e também com linhas de apoio e sub-cartolas

4 AS CORES

Como todas as páginas do jornal são impressas em cores, pensou-se em utilizá-las de maneira mais efetiva, em vez de relegá-las apenas às fotos.

As cores, como já mencionado anteriormente por White (2006, p. 206), têm a propriedade de atrair o observador. E numa época em que competimos por atenção com diversas mídias em informações que se desdobram e se multiplicam⁴, elas parecem ser aliadas na busca por audiência.

Nesse ponto, encontrou-se uma passagem interessante na obra de Collaro. Originalmente publicada em 1985, a primeira edição do livro não chegou a conhecer a disseminação da internet e as implicações na comunicação advindas com as chamadas novas tecnologias. Dessa forma, o autor traça um paralelo entre os jornais matutinos e os vespertinos, que poderia ser estendido hoje aos jornais em geral *versus* os diversos outros suportes midiáticos, como a própria internet, os jogos de vídeo-game em 3D ou mesmo as publicações com aplicação de alto-relevo, tintas diferenciadas etc.

A forma sóbria com que se apresenta um jornal matutino mostra-nos a preocupação dos diagramadores em dispor títulos, textos e fotos para um determinado leitor, cujas características são de uma pessoa tranquila e com a mente descansada; traduzindo tudo isso para a arte, teríamos um projeto com corpos variando do corpo 9 ao 10; títulos e fotos relativamente discretos.

(...)Já os vespertinos devem apresentar uma forma dinâmica; de certo modo, até agressiva, chocante, pois deverão atingir pessoas em meio ao expediente de trabalho, que a esta altura do dia estão cansadas. Portanto, uma leitura sóbria, títulos e fotos discretas as afastariam automaticamente do jornal em pauta.

⁴ Em grande parte, o maior volume de informações veiculadas hoje é propiciado pelas chamadas novas tecnologias, que possibilitam que qualquer pessoa possa reproduzir histórias, imagens e vídeos. Como explica Rafael Savi, que caracterizou essa prática como jornalismo participativo em dissertação de mestrado intitulada "Utilização de Ferramentas Interativas em Jornalismo Participativo: uma análise de casos de blogs, wikis, fóruns e podcasts em meados da primeira década do século XXI": "A cobertura da turnê de 2006 do U2 no Brasil foi uma mescla de jornalismo tradicional e jornalismo participativo. Notícias publicadas nos canais de televisão, jornais e revistas foram complementadas com informações de inúmeros fãs.(...)_além de ver alguns momentos do show nos noticiários de dois ou três canais de TV aberta (...), foi possível assistir a partir do site YouTube dezenas de vídeos feitos por amadores, localizados em diferentes locais da platéia e que, apesar da imagem ruim característica dos dispositivos móveis e do som de baixa qualidade, mostram a atmosfera do show de diferentes pontos de vista (...)".(SAVI, 2007, p. 35 e 36)

Traduzindo tudo isso para a técnica, ao diagramar um jornal vespertino devemos procurar dar ênfase a fotos e títulos, usando para tal recursos fotográficos e letras de corpos grandes; quanto ao texto, devemos usar caracteres legíveis, variando entre o corpo 8 e 10 pontos.

A diagramação pode ser simples ou ornamental. A diagramação simples é usada pelos matutinos de linha tradicional; caracteriza-se discricção e seriedade das matérias. **A diagramação ornamental utiliza, além do que já foi citado, os recursos de cores, grises, negativos etc (...)** (COLLARO, 2000, p. 160-163) (grifo nosso)

Assim, optou-se por usar as cores como mais um elemento que reforça a atração visual para o topo. E quais cores utilizar?

Como o *Jornal Universitário* não tem seções estanques, optamos por variar as cores dos topos numa mesma edição. Essa alternativa, inclusive, vai ao encontro da própria linha editorial da publicação e da Política Pública de Comunicação⁵ implantada na UFSC pela Agecom, pois remete à multiplicidade de vozes, temas e olhares difundidos também através do *JU*.

White discorre sobre as variáveis que incidem sobre a questão das cores nos veículos impressos:

Use o bom senso ao escolher cores, embora se diga que as cores têm implicações psicológicas (...). A nacionalidade, a idade, o ambiente social, a classe econômica e mesmo o estado de ânimo afetam a maneira como as pessoas reagem às cores. Além disso, muitas profissões e grupos desenvolveram vocabulários específicos quanto às cores. Para complicar ainda mais, as cores são afetadas pelo que está em volta. As proporções relativas entre elas mudam seu efeito. A própria luz interfere: num escritório escuro, cores vivas e corpo grande serão mais eficazes do que se a publicação for vista à luz do sol, quando as cores mais sutis e corpo menor serão mais adequados. Não há regras. (WHITE, 2006, p. 206)

⁵ De acordo com Moacir Loth, diretor da Agência de Comunicação (Agecom) da UFSC, em artigo publicado na obra "Assessoria de Imprensa - o Papel do Assessor", "uma política de comunicação digna do nome precisa, necessariamente, implementar uma comunicação abrangente, integrada, sistematizada, planejada, que sirva de canal e faça o meio campo entre a instituição e a comunidade, interna e externa, atendendo a todas as demandas; enfim, que seja ao mesmo tempo resultado das necessidades, uma política de identificação com seus públicos. Deve atender, por exemplo, a todos os segmentos da instituição, **não discriminando tendências, nem ideologias**, priorizando os fatos concretos, as realizações - em resumo, as notícias". (MOREIRA, Rosa e ULHÓA, Eliane, 1996, p. 55) (grifo nosso)

Dedidiu-se, então, utilizar cores semelhantes às encontradas nas fotos e suas nuances. Essa estratégia contribui, também, para reforçar a harmonia entre os elementos das páginas. Tarnoczy Junior traduz essa prática com exemplos do dia a dia:

(...) para existir diálogo deve haver conexão entre as partes. Esse conceito é amplamente utilizado na decoração de interiores há muitos anos. Muitas vezes, entramos em ambientes nos quais sentimos um bem-estar indefinível. Observando melhor, descobrimos certas propriedades dos elementos que nos cercam. Por exemplo, as cortinas possuem uma tonalidade de cor idêntica à da toalha da mesa. Os assentos das cadeiras exibem um tom mais claro ou um pouco mais escuro com relação à cortina. O carpete, por sua vez, está "ton sur ton", como se diria na língua francesa, significando com isso tons afins ou semelhantes. Isto é, todas as cores da decoração "conversam entre si", mantendo a harmonia. Outro exemplo clássico é o vestuário feminino. Desde a infância as mulheres são treinadas em combinar as cores, formas, desenhos de todos os adereços que utilizam. Assim sendo, se o sapato contém a cor vermelha, basta olhar para o par de brincos que ali descobriremos partes com essa cor. O mesmo podemos citar da bolsa, colar etc. Esse conceito pode ser estendido para outros ramos da atividade humana, tais como arquitetura, design, escultura. (TARNOCZY JUNIOR, 2008, p. 87 e 88)

Os primeiros exemplos da utilização das cores nos elementos conforme as cores encontradas nas fotos podem ser vistos nas Figuras 15 e 16. O impasse então surgiu pelo seguinte aspecto: como as páginas são casadas (Figura 17), tornou-se necessário que cada dupla apresentasse as mesmas cores, a fim de, mais uma vez, reforçar a harmonia. Ou como defende White:

A forma da sequência é horizontal, maior, mais ampla e mais impactante do que só duas páginas individuais unidas na dobra. Evite encarar as páginas como unidades isoladas. Cada página é uma dupla geminada num fluxo contínuo de espaço. (WHITE, 2006, p. 26)

Assim, adequou-se as cores das páginas de acordo com as fotos, mas levando em consideração as imagens das páginas casadas para a eleição das cores, como mostrado na Figura 18.

PRDHS

Além das atribuições normais, no momento a pró-reitoria está tratando da contratação de técnicos e docentes para os três novos campi e também para a UFSS

CT&I

Pesquisadores da UFSC vêm sendo estimulados pela Administração Central a participar da III Conferência Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação, que debaterá o Sistema Estadual de CT&I

A rotina intensa da PRDHS

PAULO CLÓVIS SCHMITZ
Jornalista na Apecom

Em tempos de expansão no número de campi, cursos e vagas, e de demandas crescentes no atendimento aos docentes e trabalhadores técnico-administrativos, a rotina da Pró-Reitoria de Desenvolvimento Humano e Social da UFSC vem exigindo dedicação ainda maior dos departamentos e funcionários. No momento, uma das ações em curso na PRDHS é a realização de concursos públicos para selecionar técnicos e docentes para os campi de Joinville, Curitiba e Araranguá, recém-implantados, e também para a Universidade Federal da Fronteira Sul, da qual a UFSC será tutora até a estrutura definitiva da nova instituição, sediada em Chapecó.

Nesse trabalho, o Departamento de Desenvolvimento de Potencialização de Pessoas precisa agir rápido, em vista da necessidade de formar os quadros em diferentes cidades – incluindo, no caso da UFSS, os campi de Cerro Largo e Erechim, no Rio Grande do Sul, e de Realeza e Laranjeiras do Sul, no Paraná. Ao mesmo tempo, obriga-se a conviver com o ritmo de Brasília nas posses e nomeações. “Enquanto não se definem as contratações, os campi trabalham com um número reduzido de pessoas”, afirma a diretora do DDPP, Elza Maria Meinert. A previsão é de que ainda em novembro o Ministério da Educação autorize a nomeação de um bom contingente de servidores.

No caso da UFSS, com o edital já lançado, as inscrições prosseguem até o dia 22 de novembro para os docentes interessados em dar aulas nos cursos dos cinco campi. Na sede, em Florianópolis, a UFSC espera a autorização para contratar docentes para os cursos novos e para os que aumentaram o número de vagas. “Isso vem acontecendo desde 2007, quando ocorreu a pactuação do Reuni, que expandiu o número de vagas”, diz Elza Meinert. Segundo ela, o governo tem cumprido a sua parte, embora não no ritmo desejado pela universidade.

Para resolver o problema, no caso dos docentes, da universidade tem a figura do “professor equivalente”, mas no caso dos técnico-administrativos as vagas deixadas pelos aposentados não vêm sendo repostas como deveriam. Dentro de cinco a dez anos, muitos mais vão passar para a inatividade, o que forçará o MEC a autorizar outros concursos públicos. A proposta da PRDHS é criar um “banco” de servidores, para situações de emergência.

Outra aposta da pró-reitoria, através do DDPP, é no desenvolvimento da carreira dos técnico-administrativos. “Finalizamos agora uma proposta que está indo para o Conselho Universitário defendendo a avaliação de desempenho, que pode ser implementado dentro do novo plano de carreira”. A partir de consulta pública pela internet, no fim do ano, a avaliação será feita pelos usuários, sejam eles internos, sejam externos à universidade. “É uma concepção bem moderna de serviço público”, diz Elza.

Em relação aos problemas que afetam os servidores, a diretora afirma que cabe à pró-reitoria atender ao público, explicando aspectos jurídicos e injunções legais que envolvem questões salariais e o plano de carreira, por exemplo, sempre com o direito de contraponto aos interessados. “Dentro da lei, procuramos fazer o melhor possível, pois somos a pró-reitoria voltada ao servidor”, diz ela. “Há questões jurídicas as quais não podemos nos abster de cumprir”, alerta.

A PRDHS também tem atuado na capacitação dos servidores ativos e na preparação para a aposentadoria dos que estão em período de afastamento. Na capacitação, a equipe leva em conta as demandas das chefias de departamentos, procurando atender o maior número possível de pedidos. Agora, no final do ano, haverá um novo levantamento das necessidades de capacitação dos funcionários da universidade. Os próprios servidores, contatados por e-mail, podem contribuir com sugestões de módulos de capacitação para melhorar o desempenho de seu setor.



Laboratório de Integração de Software e Hardware (LISHA): ideia de Política de Estado para Ciência, Tecnologia e Inovação em SC e Governo Federal

Joaçaba vira Capital da tecnologia e inovação

MARA PAIVA
Jornalista na Apecom

As próximas contribuições de Santa Catarina para a política nacional de ciência, tecnologia e inovação serão definidas na cidade de Joaçaba, nos dias 26 e 27 de novembro. Nesse período, será realizada a III Conferência Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação, que segue as diretrizes da IV Conferência Nacional de CT&I, programada para maio de 2010 e que abordará as políticas de Estado para esta área, com vistas ao desenvolvimento sustentável do país. As conferências anteriores, realizadas em Lages e Joinville, resultaram em importantes subsídios às ações federais neste segmento.

A Universidade Federal de Santa Catarina foi convidada pelo governador Luiz Henrique e estará presente no evento, que terá as presenças do ministro Sérgio Resende, do MCT, e do presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Marco Antônio Raupp. Pesquisadores da UFSC vêm sendo estimulados pela Administração Central a participar da conferência, que debaterá o Sistema Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação, voltado para o desenvolvimento social, a pesquisa em áreas estratégicas e a inovação para o empreendedorismo. A organização é da Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado (Fapesc).

O papel da pesquisa científica, do desenvolvimento tecnológico e das inovações para a sustentabilidade social, econômica e ambiental será uma dos eixos dos debates, que também vão abordar aspectos como a consolidação

do sistema catarinense de CT&I, a articulação entre universidades, núcleos de inovação e empresas, o fomento ao potencial inovativo regional, parques tecnológicos e incubadoras de empresas inovadoras e a definição de linhas de pesquisas em ciências agrárias e biodiversidade, meio ambiente, fontes de energia e novos materiais.

Em termos estaduais, o ano de 2009 foi importante em vista da implantação de um programa específico de descentralização regional da pesquisa científica e tecnológica, no valor de R\$ 18 milhões, contemplando todas as Secretarias de Desenvolvimento Regional (SDRs). Em Joaçaba, um dos grupos de trabalho terá o papel de selecionar os projetos de pesquisa regional, que precisam, de acordo com o edital respectivo, ter amplo impacto social. A intenção da Fapesc, ao propor o programa, foi estadualizar o apoio à produção científica e incentivar projetos que beneficiassem diferentes regiões, de acordo com suas características e necessidades.

Com a regulamentação da Lei Catarinense de Inovação, este ano, a expectativa é de que em 2010 ocorra um aporte substancial de recursos financeiros, aumentando o apoio a projetos de pesquisa e novas tecnologias. O governo estadual também pretende reforçar as 39 incubadoras empresariais e os parques tecnológicos distribuídos pelo Estado. O presidente da Fapesc, Antônio Diomário de Queiroz, afirma que “as incubadoras fortalecem o processo de descentralização dos investimentos e contribuem para a desconcentração científica e tecnológica”. O reitor da UFSC, Alvaro Prata, está estimulando o envolvimento da comunidade universitária.



Plano de saúde para servidores e professores também foi uma conquista da PRDHS em 2008

Para participar da III Conferência Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação entre em contato com a coordenadora geral do evento, Maria Zilene Cardoso: (48) 3215-1202, ou com o professor Luiz Carlos Lückmann, da Unoesoc, campus Joaçaba (local da conferência): (49) 3551-2012.

Figura 15: As cores do topo e de outros elementos, como boxes e títulos, foram retiradas das fotos

1.882 2.096

Artigos 3

Jornal Universitário nº 406 novembro . 2010 UFSC

Capes lança novo portal com quase 22 mil periódicos disponíveis para pesquisa; a ferramenta é voltada às áreas humanas, biológicas, agrárias, da saúde e exatas

novoperiodicos.capes.gov.br

MOACIR LOTH
Jornalista na Apecom

Pesquisador que se preze tem obrigação de entrar no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (Capes), do MEC. O novo portal, ágil, moderno e mais completo, faz busca integrada e simultânea, abrangendo todas as áreas do conhecimento e cobrindo quase 22 mil revistas e jornais científicos do mundo (só os melhores).

Com cara nova e mantendo as funcionalidades anteriores, o site **novoperiodicos.capes.gov.br**, através da metabusca, facilita a vida dos pesquisadores.

Menina dos olhos do presidente da Capes, Jorge Guimarães, o portal contempla 130 bases de dados, seis bases de patentes e abriga 308 instituições comprometidas com a pesquisa e inovação. Quem não pesquisa não merece o portal. Trata-se de poderosa ferramenta para revolucionar a atividade científica brasileira no cenário mundial.

Com essa capilaridade institucional e abrangência acadêmica, o portal da Capes, a exemplo da Plataforma Lattes, é uma ferramenta sem similar no mundo desenvolvido. Inaugurado e desenvolvido em parceria com a Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP) há nove anos e patrimônio da Comunidade Científica, dá de relho na Europa e nos EUA. Segundo Jorge Guimarães, nem o Instituto Pasteur, da França, chega perto.

Infelizmente o Brasil ainda está longe de utilizar o portal em todas as suas potencialidades. Faltam divulgação e cultura científica, males que também atingem os dirigentes.

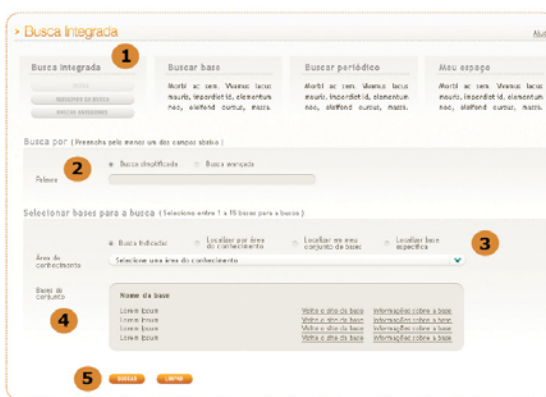
Há um investimento público no portal que precisa ser compensado com o avanço da ciência brasileira em escala global. A assinatura dos melhores periódicos científicos do mundo demanda anualmente mais de 60 milhões de dólares. A economia, obviamente, é imensa. Individualmente acessar a esses conteúdos não sairia por menos de U\$ 300 milhões.

Significa que a comunidade acadêmica brasileira, para fazer jus ao investimento, precisa tirar o máximo proveito da fantástica ferramenta disponibilizada pela sociedade brasileira. Quanto maior o uso, mais diminui o preço da anuidade.

Portal não é só das Duras

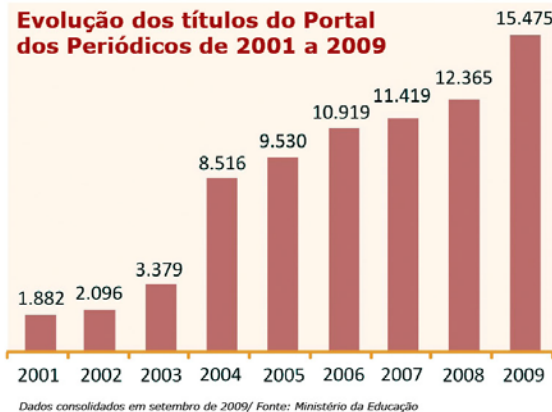
A pró-reitora de Pós-Graduação da UFSC, Maria Lúcia de Barros Camargo, defende a necessidade de uma campanha para desmistificar a impressão de que o "portal só atende as Ciências Tecnológicas; é preciso deixar claro que atende todas as áreas do conhecimento, inclusive as Humanidades". Com assinatura das principais revistas e jornais científicos do mundo, oferece, por exemplo, conteúdos em, pelo menos, cinco grandes áreas: Ciências Sociais

Diferentes bases de dados numa única metabusca



- 1 Escolha o tipo de busca desejada. A opção busca no acervo permite a realização de consultas integradas a várias bases de dados (a metabusca)
- 2 Digite o nome do autor ou assunto. Em Busca Avançada é possível combinar dois termos diferentes por meio dos operadores booleanos "e", "ou" e "não".
- 3 Escolha a área do conhecimento desejada. Você também pode criar, salvar e selecionar conjuntos de busca com as suas bases preferidas.
- 4 Você pode ainda selecionar uma ou mais bases de dados de sua preferência.
- 5 Clique em buscar. Os resultados serão apresentados numa lista por ordem de relevância.

Evolução dos títulos do Portal dos Periódicos de 2001 a 2009



Principais bases disponíveis no Portal

Multidisciplinares
Web of science
Scopus
Banco de Teses da Capes

Ciências Sociais Aplicadas e Ciências Humanas
Applied social sciences index and Abstracts
Business full text
CSA sociological abstracts
Econlit
Education Full Text
Educational Resources Information Center
Humanities Abstracts Full Text
Social Sciences Full Text
PsycInfo
Psycindex

Ciências Biológicas e Ciências da Saúde
Biological Abstracts
Biological and Agriculture Index plus Medline/Pubmed
Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde
Sportdiscus

Ciências Agrárias
Cab Abstracts
Food Science and Technology Abstracts
Agricultural Online Access
Base Bibliográfica da Agricultura Brasileira (Agrobase)

Figura 16: As cores do topo e de outros elementos, como boxes e títulos, foram retiradas das fotos

3 Artigos
Journal Universitário nº 406
UFSC novembro 2013

PRDH5 Além das atribuições normais, no momento pró-reitor está atuando de coordenação de licenciamento para os três novos campi e também para a UFSC

CT&I Pesquisadores da UFSC têm sendo estimulados pela Administração Central a participar do III Conferência Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação, que debaterá o Sistema Estadual de CT&I

WWW Capes lança novo portal com quase 22 mil periódicos disponíveis para pesquisa, a ferramenta é voltada às áreas humanas, biológicas, agrícolas, de saúde e exatas

A rotina intensa da PRDH5

Para resolver o problema, no caso dos docentes, da universidade tem a figura do "professor equivalente" mas no caso dos técnico-administrativos as vagas deixadas pelas aposentadorias não vêm sendo repostas como deveriam. Dentro de cinco a seis meses, muitas vagas vão passar para a inatividade, o que foge ao MEC. A autarquia criou concursos públicos. A proposta da PRDH5 é criar um "banco" de servidores, para situações de emergência.

Outra ação do pró-reitor, através do DOPR e do desenvolvimento da carreira dos técnico-administrativos. "Estamos agora a propor uma desfragmentação de uma proposta que está sendo para o Conselho Universitário (Conselho) e avaliação de consenso", que foge ao MEC. A autarquia criou concursos públicos. A proposta da PRDH5 é criar um "banco" de servidores, para situações de emergência.

Nesse trabalho, o Departamento de Desenvolvimento de Inovação de Inovação precisa agir rápido, em vista da necessidade de formar em quadras em diferentes cidades - incluindo a cidade de UFSC, no caso de Carriço Largo e Itaipava, no caso de São José do Rio Preto, e de Itaipava e Lages no caso de São José do Rio Preto. Em outros tempos, ninguém se envolvia com o rio de São Paulo nos países e noroeste. "Quando não se defendem as contribuições, os campi acabam com um número reduzido de pessoas", afirma a diretora do DOPR Eda Maria Henriq. A previsão é de que a instituição compreenda um bem conjunto de servidores.

No caso da UFSC, com o edital já lançado, as inscrições começaram em 12 de novembro para os docentes interessados em dar aulas nos cursos de ensino médio, há dois em Florianópolis, a UFSC espera a autorização para contratar docentes para os cursos novos e para que aumentem o número de vagas. "Tudo isso aconteceu em 2007, quando ocorreu a mudança do Brasil, que mudou o número de vagas", diz Eda Henriq. Segundo ela, o governo tem competência a sua parte, embora não no ritmo de ocupação da universidade.

Joacaba vira Capital da tecnologia e inovação

do sistema catarenense de CT&I, a articulação entre universidades, núcleos de inovação e empresas, é baseado no potencial inovador regional, parques tecnológicos e incubadoras de empresas inovadoras e a definição de linhas de pesquisa em ciência agrícola e bioeconomia, mas também, fontes de energia e novas matérias.

Em termos estaduais, o ano de 2009 foi importante em vista da implantação de um programa específico de descentralização regional da pesquisa científica e tecnológica, no valor de R\$ 18 milhões, contemplando todas as Secretarias de Desenvolvimento Regional (SDR). Em Joacaba, um dos grupos de trabalho que se articulou para a implementação de projetos de pesquisa regional, que preveem, de acordo com o edital selecionar, ter amplo impacto social. A intenção da Fapes, ao apoiar o programa, é incentivar a produção científica e tecnológica regional, de acordo com suas características e necessidades.

Com a regulamentação da Lei Complementar de Inovação, Sete anos, a expectativa é de que em 2010 ocorra um aporte substancial de recursos financeiros, aumentando o apoio a projetos de pesquisa e inovação. O governo estadual também pretende reforçar os 39 municípios integrantes do SDR de Joacaba, com a implantação de polos tecnológicos distribuídos pelo Estado. O presidente da Fapes, Antônio Damasceno de Queiroz, afirma que "as incubadoras de empresas e os investidores e contribuem para a descentralização da ciência e tecnologia". O reitor da UFSC, Álvaro Pereira, afirma que o envolvimento da comunidade universitária.

Para participar do III Conferência Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação está em contato com o coordenador de eventos, Maria Zenaide Cardoso (49) 3551-1202, no caso de professor Luiz Carlos Lückmann, da Universidade Joacaba (local da conferência): (49) 3551-2012.

Plano de saúde para servidores e funcionários da UFSC em 2008

3 Artigos
Journal Universitário nº 406
novembro 2013 UFSC

PRDH5 Além das atribuições normais, no momento pró-reitor está atuando de coordenação de licenciamento para os três novos campi e também para a UFSC

CT&I Pesquisadores da UFSC têm sendo estimulados pela Administração Central a participar do III Conferência Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação, que debaterá o Sistema Estadual de CT&I

WWW Capes lança novo portal com quase 22 mil periódicos disponíveis para pesquisa, a ferramenta é voltada às áreas humanas, biológicas, agrícolas, de saúde e exatas

novos.periodicos.capes.gov.br

Diferentes bases de dados numa única metabusa

1 Escolha o tipo de busca desejada. A opção base no acesso permite a realização de consultas integradas a várias bases de dados (metabusa)

2 Digite o nome do autor ou assunto. Em busca avançada é possível combinar dois termos diferentes por meio dos operadores booleanos "e", "ou" e "não".

3 Escolha a área de conhecimento desejada. Você também pode clicar sobre a seleção de categorias de busca com os seus filtros preferidos.

4 Você pode ainda selecionar uma ou mais bases de dados de sua preferência.

5 Clique em buscar. Os resultados serão apresentados numa lista por ordem de relevância.

Evolução dos títulos do Portal dos Periódicos de 2001 a 2009

Ano	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Títulos	1.882	2.096	3.379	8.516	9.530	10.919	11.419	12.365	15.475

Principais bases disponíveis no Portal

Ciências Sociais Aplicadas e Ciências Humanas

Ciências Biológicas e Ciências da Saúde

Ciências Agrárias

Portal não é só das Duras

A primeira vez que o Rio-Grandense UFSC, Maria Lúcia de Barros Carneiro, definiu a necessidade de uma cartilha para desenvolver a impressão de que o portal não é só das duras. Ela afirmou que o portal não é só das duras, mas também das áreas de conhecimento, inclusive as humanas, biológicas, agrícolas, de saúde e exatas. O portal não é só das duras, mas também das áreas de conhecimento, inclusive as humanas, biológicas, agrícolas, de saúde e exatas.

Figura 17: Juntas, as cores de cada página não colaboram para criar a sensação de harmonia

3 Artigos
Journal Universitário nº 406
UFSC novembro 2013

PRDH5 Além das atribuições normais, no momento pró-reitor está atuando de coordenação de licenciamento para os três novos campi e também para a UFSC

CT&I Pesquisadores da UFSC têm sendo estimulados pela Administração Central a participar do III Conferência Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação, que debaterá o Sistema Estadual de CT&I

WWW Capes lança novo portal com quase 22 mil periódicos disponíveis para pesquisa, a ferramenta é voltada às áreas humanas, biológicas, agrícolas, de saúde e exatas

A rotina intensa da PRDH5

Para resolver o problema, no caso dos docentes, da universidade tem a figura do "professor equivalente" mas no caso dos técnico-administrativos as vagas deixadas pelas aposentadorias não vêm sendo repostas como deveriam. Dentro de cinco a seis meses, muitas vagas vão passar para a inatividade, o que foge ao MEC. A autarquia criou concursos públicos. A proposta da PRDH5 é criar um "banco" de servidores, para situações de emergência.

Outra ação do pró-reitor, através do DOPR e do desenvolvimento da carreira dos técnico-administrativos. "Estamos agora a propor uma desfragmentação de uma proposta que está sendo para o Conselho Universitário (Conselho) e avaliação de consenso", que foge ao MEC. A autarquia criou concursos públicos. A proposta da PRDH5 é criar um "banco" de servidores, para situações de emergência.

Nesse trabalho, o Departamento de Desenvolvimento de Inovação de Inovação precisa agir rápido, em vista da necessidade de formar em quadras em diferentes cidades - incluindo a cidade de UFSC, no caso de Carriço Largo e Itaipava, no caso de São José do Rio Preto, e de Itaipava e Lages no caso de São José do Rio Preto. Em outros tempos, ninguém se envolvia com o rio de São Paulo nos países e noroeste. "Quando não se defendem as contribuições, os campi acabam com um número reduzido de pessoas", afirma a diretora do DOPR Eda Maria Henriq. A previsão é de que a instituição compreenda um bem conjunto de servidores.

No caso da UFSC, com o edital já lançado, as inscrições começaram em 12 de novembro para os docentes interessados em dar aulas nos cursos de ensino médio, há dois em Florianópolis, a UFSC espera a autorização para contratar docentes para os cursos novos e para que aumentem o número de vagas. "Tudo isso aconteceu em 2007, quando ocorreu a mudança do Brasil, que mudou o número de vagas", diz Eda Henriq. Segundo ela, o governo tem competência a sua parte, embora não no ritmo de ocupação da universidade.

Joacaba vira Capital da tecnologia e inovação

do sistema catarenense de CT&I, a articulação entre universidades, núcleos de inovação e empresas, é baseado no potencial inovador regional, parques tecnológicos e incubadoras de empresas inovadoras e a definição de linhas de pesquisa em ciência agrícola e bioeconomia, mas também, fontes de energia e novas matérias.

Em termos estaduais, o ano de 2009 foi importante em vista da implantação de um programa específico de descentralização regional da pesquisa científica e tecnológica, no valor de R\$ 18 milhões, contemplando todas as Secretarias de Desenvolvimento Regional (SDR). Em Joacaba, um dos grupos de trabalho que se articulou para a implementação de projetos de pesquisa regional, que preveem, de acordo com o edital selecionar, ter amplo impacto social. A intenção da Fapes, ao apoiar o programa, é incentivar a produção científica e tecnológica regional, de acordo com suas características e necessidades.

Com a regulamentação da Lei Complementar de Inovação, Sete anos, a expectativa é de que em 2010 ocorra um aporte substancial de recursos financeiros, aumentando o apoio a projetos de pesquisa e inovação. O governo estadual também pretende reforçar os 39 municípios integrantes do SDR de Joacaba, com a implantação de polos tecnológicos distribuídos pelo Estado. O presidente da Fapes, Antônio Damasceno de Queiroz, afirma que "as incubadoras de empresas e os investidores e contribuem para a descentralização da ciência e tecnologia". O reitor da UFSC, Álvaro Pereira, afirma que o envolvimento da comunidade universitária.

Para participar do III Conferência Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação está em contato com o coordenador de eventos, Maria Zenaide Cardoso (49) 3551-1202, no caso de professor Luiz Carlos Lückmann, da Universidade Joacaba (local da conferência): (49) 3551-2012.

Plano de saúde para servidores e funcionários da UFSC em 2008

3 Artigos
Journal Universitário nº 406
novembro 2013 UFSC

PRDH5 Além das atribuições normais, no momento pró-reitor está atuando de coordenação de licenciamento para os três novos campi e também para a UFSC

CT&I Pesquisadores da UFSC têm sendo estimulados pela Administração Central a participar do III Conferência Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação, que debaterá o Sistema Estadual de CT&I

WWW Capes lança novo portal com quase 22 mil periódicos disponíveis para pesquisa, a ferramenta é voltada às áreas humanas, biológicas, agrícolas, de saúde e exatas

novos.periodicos.capes.gov.br

Diferentes bases de dados numa única metabusa

1 Escolha o tipo de busca desejada. A opção base no acesso permite a realização de consultas integradas a várias bases de dados (metabusa)

2 Digite o nome do autor ou assunto. Em busca avançada é possível combinar dois termos diferentes por meio dos operadores booleanos "e", "ou" e "não".

3 Escolha a área de conhecimento desejada. Você também pode clicar sobre a seleção de categorias de busca com os seus filtros preferidos.

4 Você pode ainda selecionar uma ou mais bases de dados de sua preferência.

5 Clique em buscar. Os resultados serão apresentados numa lista por ordem de relevância.

Evolução dos títulos do Portal dos Periódicos de 2001 a 2009

Ano	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Títulos	1.882	2.096	3.379	8.516	9.530	10.919	11.419	12.365	15.475

Principais bases disponíveis no Portal

Ciências Sociais Aplicadas e Ciências Humanas

Ciências Biológicas e Ciências da Saúde

Ciências Agrárias

Portal não é só das Duras

A primeira vez que o Rio-Grandense UFSC, Maria Lúcia de Barros Carneiro, definiu a necessidade de uma cartilha para desenvolver a impressão de que o portal não é só das duras. Ela afirmou que o portal não é só das duras, mas também das áreas de conhecimento, inclusive as humanas, biológicas, agrícolas, de saúde e exatas. O portal não é só das duras, mas também das áreas de conhecimento, inclusive as humanas, biológicas, agrícolas, de saúde e exatas.

Figura 18: As cores dos tops foram readequadas a fim de dar unidade às páginas casadas

5 AS FONTES

Para no novo projeto gráfico manteve-se a fonte Verdana, utilizada no corpo dos textos do projeto atual. Araújo enumera características necessárias para a escolha de fonte para projetos gráficos. Dentre elas destacamos:

Simplicidade: Quanto mais simples for o desenho de uma fonte, mais legível ela será. Deve-se por isso dar preferência aos estilos limpos, e não aos decorativos.

Harmonia: Um texto deve ser composto por uma família de caracteres com um único estilo, e não uma mistura de tipos e formatos. Convém não utilizar mais do que dois tipos diferentes de fontes num mesmo texto. (ARAÚJO, 2008, p. 379 e 380)

Apesar de ser uma fonte sem serifa, a Verdana tem boa legibilidade. Collaro defende o uso dos tipos sem serifa em projetos gráficos de publicações mais extensas.

O tablóide geralmente tem um conteúdo de texto muito grande e, como já visto, os caracteres mais indicados para leitura são os que trazem em sua estrutura o contraste das hastes e a suavidade de suas serifas. A tipologia moderna procura aliar a legibilidade ao senso estético para obter uma dinâmica de leitura ideal. Hoje, é perfeitamente normal termos veículos editoriais compostos em caracteres sem serifa e com hastes uniformizadas com bons resultados (...) (COLLARO, 2000, p. 158)

A escolha também se deve ao fato de o Manual de Identidade Visual da UFSC indicar a Verdana como fonte para a criação dos materiais publicitários da Universidade.

Como fonte-padrão foi escolhida a fonte livre Verdana, uma fonte que realça a jovialidade e a contemporaneidade da instituição, sem tirar a seriedade da mesma (BERTI, 2007, p. 17)

Assim como em relação às cores, buscou-se uma fonte para as cartolas que remetesse à pluralidade e à diversidade. Apesar de, à primeira vista, a opção pelo uso de tiras de papel escritas a mão parecer algo muito exclusivo e nada plural, a escrita a mão remete ao artesanal, ao lúdico, em contraponto ao mecanizado. É ter duas letras “a” levemente diferentes, porque não foram feitas pelo computador, e sim pela mão humana. Farias e Piqueira explicitam bem a questão referente às fontes escriturais:

Algumas [fontes escriturais] são baseadas em grafismos do próprio autor da fonte, outras em manuscritos ou modelos criados por outros escritores ou desenhistas. Em todas, percebe-se a marca dos instrumentos de escrita sobre o suporte, indicando que estas letras não nasceram (ou ao menos não parecem ter nascido) no computador. As letras escriturais não são uma novidade no universo da tipografia (o próprio itálico deriva de uma forma escritural, a letra chanceleresca), mas no ambiente digital, elas adquirem uma nova possibilidade de significado, ao se colocarem, com seus contornos imperfeitos e suas formas fluidas, em oposição ao ordenamento preciso e geométrico do computador. (FARIAS e PIQUEIRA, 2003, p. 94)

Dessa forma, a utilização das fontes escriturais é válida para este projeto, mas decidiu-se usar cartolas escritas a mão para acentuar o caráter artesanal – e lúdico – de todo o processo.

6 CONCLUSÃO

Rever o projeto gráfico do Jornal Universitário possibilitou sua análise mais aprofundada, o que permitiu o descarte ou a manutenção de alguns elementos. Foram mantidas a fonte do corpo do texto, a alternativa de se abrir fotos e de se usar outras fontes nos títulos quando temos matérias que tratam de assuntos como arte, infância, comunidade, etc.

Uma das preocupações era a de contemplar a solicitação de que o novo projeto não engessasse as possibilidades de criação. As páginas centrais e a contracapa deveriam manter maior liberdade, traduzida na utilização de fontes diferentes para títulos e intertítulos e na ampliação das fotos. Talvez o segredo seja conseguir mesclar o inusitado com o padrão estabelecido, como defende Tarnoczy Junior: “a diversidade elimina a monotonia, enquanto que a unicidade gera harmonia”. (2008, p. 72).

Dessa forma, reavaliamos o resultado representado com as Figuras 9, 10 e 12 (p. 26, 27 e 28 deste trabalho), aplicando-o às páginas centrais. Como o topo concebido ocupava muito espaço, diminuindo as possibilidades de ampliação das fotos, por exemplo, optou-se por descartar, dessas páginas, os elementos coloridos, mantendo apenas os itens textuais referentes à edição (Figura 19).

O resultado dessa experiência foi desconsiderado, já que a visualização dos elementos textuais era precária e ainda comprometia áreas de fotos que ficavam por baixo desses elementos.

A solução encontrada foi refazer o topo, como mostra a Figura 20. Os elementos textuais referentes à edição foram reposicionados nas laterais, o que fez com que o espaço destinado ao topo diminuísse. As páginas centrais (Figura 21), dessa forma, puderam eliminar os itens coloridos e as sub-cartolas e linhas de apoio, o que resultou numa área maior para se trabalhar com fotos mais abertas. O novo topo também pôde ser aplicado nas páginas da coluna Caiu na Cesta e de artigos (Figura 22).

Quando novembro ferveu

Epidê de envolvimento bate-boca e confronto entre estudantes e o ex-presidente João Figueiredo em Florianópolis completa 30 anos

María Luiza Gil
Dibista da Jornalismo em Açores

Se hoje não há bandeiras comuns que mobilizem os cidadãos, em 1979 havia. No dia 30 de novembro de 1979, o Diretório Central dos Estudantes da UFSC inventou uma bandeira comum a todos os brasileiros, e que ganhou apoio de boa parte da população. Seus propósitos não eram radicais, eram reivindicações enraizadas durante todo o período da ditadura (na primeira versão pelo DCE), e que por tocarem a vida de toda a população ganharam força mesmo das pessoas que não estavam engajadas em nenhum movimento de luta.

Como tudo começou

"Eravam ali de madrugada quando nós acabamos de preparar as garrafas e as fitas. Por isso, de manhã, enquanto todos os outros tomavam café e saíam, eu fiquei dormindo". Quem conta a história desta importante capítulo da história do movimento estudantil catanense é o então integrante do DCE em gestão de 1979, e hoje coordenador do curso de História da UFSC, Luis Carlos Cavalcante do Ocho.

João Baptista Figueiredo chegou a Florianópolis para assumir de candidato eleito o Governo do Estado e a cidade recebeu no aeroporto Hercílio Luz, enquanto 50 ou 60 estudantes distribuíam panfletos para recepção à sua chegada. Dentro do planejamento, o governador Jorge Bornhausen, estavam ali 4 mil pessoas na Praça XV, em frente à sede do Executivo catanense, o Palácio Cruz e Sousa. Era a primeira visita do presidente a Florianópolis. Tudo deveria correr bem.



Durante manifestação, apedrejado foi derrubado na escadaria da Catedral

Petões de fita e saídas em "Jôô, meu amigo de 10 milhões comanda!" "Jôô, meu amigo de 10 milhões comanda!" "Jôô, meu amigo de 10 milhões comanda!" "Jôô, meu amigo de 10 milhões comanda!" "Jôô, meu amigo de 10 milhões comanda!"

Figueiredo escapou, mas deveria cumprir o resto do itinerário

Cerca de 3 mil pessoas, chopes, frescal, porco assado, feijão, frango, batatas, estavam presentes na manifestação. Quando Bornhausen acabou de falar, o presidente voltou à sacada e com as asas foi um gesto cumprimentar o indutor e o público, que, no entanto, queria mostrar que era apenas uma presença momentânea que girava. Mas os presentes não entenderam desta forma, pois o sinal verde de continuação deu-se na conversa.

Lá o presidente voltou a conversar com a imprensa. Era dia que se sentia bem sobre o tumulto e que fora de Santa Catarina a imagem que sempre teve. "O que aconteceu aqui existe em qualquer lugar. Contestadores, opositores, manifestações sempre existem. Mas não é isso que vai me fazer mudar meu rumo, não".

Na manhã da continuação, passado o aperto, continuavam fazendo. Figueiredo fez, durante 13 minutos, seu único discurso de toda a visita. "Deixoocar muitas palavras, mas uma vez agradecendo a generosidade do povo de Santa Catarina, que me acolheu de maneira tão calorosa e que muito me emocionou. (...) Não sei a voz do povo desta terra que estava falando".

O governador Jorge Bornhausen concebeu entrevista coletiva após a conclusão do ato presidencial. Os dois brasileiros acabaram se cumprimentando. E deu um recado muito claro: "Quem fez a manifestação que assumiu a responsabilidade pelos seus atos".

O que aconteceu depois

Centenas de chapas fotográficas foram tiradas durante a manifestação. A Polícia Federal quis identificar os responsáveis, então fez ampliações pagantes de vários dos voluntários das fotobancas. O presidente da UFSC, Adolfo Luiz Dória, e o governador Jorge Bornhausen foram acusados de serem responsáveis por não terem impedido a manifestação. Em 21 de março de 1980, o Tribunal de Justiça de Santa Catarina julgou o caso. O presidente da UFSC, Adolfo Luiz Dória, e o governador Jorge Bornhausen foram absolvidos.

estavam os fugitivos. Era Marco Lippert, integrante do DCE que estava em Florianópolis. "Tudo sempre correu bem. Fugitivos que a polícia está mostrando muito quarto para essas coisas", imediatamente se foram para Rio de Janeiro. No momento em que Marco era preso, a polícia acionava outros quatro líderes estudantis.

"O medo é delém, não é nozô"

Os presos eram cinco e os outros mandados de prisão eram contra Lúcia e Adolfo. Eles estavam sendo acusados de injúria à "autoridade constituída" e amaldiçoados por serem enquadrados na Lei de Segurança Nacional, podendo ser condenados de um a quatro anos de prisão.

Outros integrantes do movimento estudantil organizaram um ato para liberação dos presos. Entendidos de pelo menos seis meses de prisão. A Secretaria de Segurança e Informação imediatamente anunciou: "Foi um ato de manifestação que houve qualquer espécie de manifestação nas suas contras, pelo risco que ele encorajava a população".

Mas os manifestantes não se intimidaram e para crescer isso colocaram uma fita nos muros da Catedral com os dizeres: "O medo é delém, não é nozô". Cerca de 8 mil pessoas se reuniram em frente à Catedral pouco antes das 18h. A grande confusão no centro da cidade acabou forçando a transferência do ato para a praça mais afastada.

O deputado Francisco Kuster, do PCB, e o advogado Nelson Tinédin foram a Lages e de lá receberam a renúncia de Adolfo e Lúcia. Suas condições eram: prisão especial, vistas diárias de médico e advogado e detenção por período não superior ao prazo inicial da Lei de Segurança Nacional (LSN), que era de oito dias.

Os advogados já haviam se comprometido por estarem perdendo para dois estudantes, portanto acataram as condições, sem maiores problemas. Os chaparões à Capital, Lúcia e Adolfo foram à Assembleia Legislativa, onde convocaram uma

coletiva. Nela mostraram em que condições físicas iam se entregar. Faleceu no dia seguinte, 6 de dezembro, quando se juntaram aos outros. Na sexta-feira, dia 7, e Comissão Permanente de Defesa dos Condições Presidenciais, que reunia entidades solidárias ao DCE, marcou uma nova manifestação em prol da libertação dos estudantes a quatro anos de prisão.

Bornhausen disse que a iniciativa das prisões e a abertura de inquérito contra os estudantes não pertence ao governo estadual. Após uma ligação, o governador anunciou a liberação dos presos. Na terça-feira - dia seguinte ao caso - cinco deles foram soltos. Adolfo e Lúcia foram libertados na quinta-feira, dia 13. Na dia 13, Lúcia compareceu à sua formatura pelo curso de Medicina da UFSC.

A denúncia contra os estudantes, encaminhada na LSN, foi arquivada no dia 11 de março pelo juiz Carlos Augusto Moraes Reis, do 9º Circunscrição da Justiça Militar, em Curitiba. A partir daí começou o efetivamente a mobilização pelo não enquadramento. Uma greve de solidariedade paralisou a UFSC e mobilizou entidades.

No dia 14 de fevereiro o promotor militar Benito Raitzo pediu o enquadramento na LSN de dois entre os soltos acusados, Roderick Koenrich e Lúcia Governato, cujas acusações eram as mais graves. Os policiais, julgados 10 dias, foram apreendidos verbalmente o presidente.

O julgamento aconteceu dia 17 de fevereiro e com resultado de três votos contra dois, os estudantes foram absolvidos.



No Praça XV, Faria popular desfilou placa em homenagem a Flávia Paes Costa

O que restou da Novembro

O presidente Figueiredo voltou a Santa Catarina três vezes até terminar o seu mandato. Os incidentes de novembro de 1979 pareciam ficar esquecidos no passado. Mas condicionalmente ao presidente José Sarney Fernando Collor e Blauer Franco, em visita a Florianópolis durante sua respectiva mandatos, não tiraram os pés do

aeroporto Hercílio Luz. Reunido por um repórter sobre qual havia sido o pior momento de sua carreira política, o governador Jorge Bornhausen respondeu: "Do 30 de novembro de 1979".

"Tudo os estudantes eram mais envolvidos com a política, eram mais militantes. E também, naquela época, a Universidade estava mais a atenção, tudo greva em

torno da Universidade. Isso compunha uma unidade muito forte. Mas as coisas começaram a mudar. Depois de todo aquele mobilização - nos debates e presidente por cima" - no certo que encontramos as eleições da ano seguinte para o DCE. Sobre a luta por quem perdemos. O fato é que não reversiono a importância de Novembro, então tudo começou a mudar, e quando

O panfleto



Perifêrio

"No mundo não são apenas os estudantes que todos faziam. A esquerda radical era aquela que ia para a guerra, que queria luta armada. A esquerda radical do comunismo. Eram ideias muito revolucionárias, que acabavam isolando o movimento, por não ter apoio. Não queríamos uma transição democrática, promovida, com uma plataforma comum, na qual fossem incluídas outras entidades, para construir uma unidade de forças. Queríamos coisas mais moderadas como Assembleia Nacional Constituinte, senado e as diretas", explica Luis Carlos. "Mas a direita nos colocava no mesmo plano. Para eles, éramos todos comunistas".

Para o professor, com a prisão dos estudantes, a Novembro não foi um caso nacional. "O impacto que a Novembro deixou foi a reafirmação do direito de luta manifestação, foi publicitado o autoritarismo da Lei de Segurança Nacional. 1979 não foi coisa de estudante. Foi uma página de luta aberta".



População enfrenta polícia no centro da Capital

Figura 19: Eliminação dos itens coloridos do topo causa confusão visual

Pensou-se ainda em criar uma fonte exclusiva para o jornal, ideia que não foi descartada.

Acredito que o projeto atingiu seu objetivo de criar uma publicação mais integrada; as cores tiveram papel fundamental para se alcançar esse intuito, e as cartolas manuscritas também colaboraram como elemento lúdico e, por consequência, atrativo.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro**: princípios da técnica de editoração. 2.ed. rev. e ampl Rio de Janeiro: Lexikon Ed. Digital, 2008

ARTES Visuais: cultura & criação. São Paulo: Senac/SP, 2008.

BERTI, Vincenzo (org). **Manual de Identidade Visual da UFSC**. Agecom UFSC: Florianópolis, 2007.

CAMPOS, Pedro Celso. **Gêneros do Jornalismo e técnicas de entrevista**. Estudos em Jornalismo e Mídia - Ano VI - n. 1 pp. 127 - 141 jan./Jun. 2009. Disponível em www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/viewFile/10952/10422. Acessado em 18 abr. 2010.

COLLARO, Antonio Celso. **Projeto Gráfico**: teoria e prática da diagramação. São Paulo: Summus, 2000.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=l%C3%BAdico>. Acessado em 10 abr. 2010.

FARIAS, Priscila L.; PIQUEIRA, Gustavo . **Fontes digitais brasileiras**: de 1989 a 2001. **São Paulo**: Ed. Rosari, ADG Brasil, 2003.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LOPES, M. Conceição Oliveira. **Design de ludicidade**: do domínio da emoção no desejo, à racionalidade do desígnio, ao continuum equifinal do desenho e à confiança que a interacção social lúdica gera. Biblioteca on-line de Ciências da

Comunicação, 2005. Disponível em www.bocc.uff.br/pag/lopes-conceicao-design-ludicidade-dominio-emocao-desejo.pdf. Acessado em 22 abr. 2010.

LOPES, M. Conceição Oliveira e OLIVEIRA, Inês Guedes. **Acção, emoção e confiança**: o Projecto Direitos Humanos em Acção um caminho de aprendizagens e da mudanças a fazer acontecer um novo mundo, praticando valores do Humano. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação, 2005a. Disponível em www.bocc.uff.br/pag/lopes-oliveira-accao-emocao-confianca.pdf. Acessado em 22 abr. 2010.

_____. **Comunicação, Ludicidade e Cidadania, no Projecto Direitos Humanos em Acção**. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação, 2005b. Disponível em www.bocc.uff.br/pag/lopes-conceicao-oliveira-ines-comunicacao-ludicidade-cidadania-projecto-direitos-humanos-accao.pdf. Acessado em 22 abr. 2010.

LOPES, M. Conceição Oliveira e TEIXEIRA, Luís Filipe B. **Comunicação e Ludicidade**. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação, 2005. Disponível em www.bocc.uff.br/pag/oliveira-teixeira-gt-comunicacao-ludicidade.pdf. Acessado em 22 abr. 2010.

MEDINA, Cremilda. **Sob o signo do diálogo**. Comunicação & Educação, Brasil, v. 1, n. 1, 2007. Disponível em www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/3922/3680. Acessado em 18 abr. 2010.

MOREIRA, Rosa e ULHÔA, Eliane (org.). **Assessoria de Imprensa - o Papel do Assessor**. Brasília: Fenaj, 1996.

SAVI, Rafael. **Utilização de Ferramentas Interativas em Jornalismo Participativo**: uma análise de casos de blogs, wikis, fóruns e podcasts em meados da primeira década do século XXI, 2007. Dissertação (Mestrado em Engenharia e

Gestão do Conhecimento) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, UFSC, Florianópolis.

SOUZA, Artemio Reinaldo de. **Santos e pecadores:** comunicação *versus* crise na era da informação. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

TARNOCZY JUNIOR, Ernesto. **Arte da Composição.** Santa Catarina: Editora Photos, 2008.

WHITE, Jan V. **Edição e Design:** para designers, diretores de arte e editores. Tradução de Luis Reyes Gil. São Paulo: JSN Editora, 2006.